

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MARISTELA DE OLIVEIRA FRANCO

O PAPEL EDUCATIVO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS:
A VEZ DA COMUNIDADE

São Leopoldo

2009

MARISTELA DE OLIVEIRA FRANCO

O PAPEL EDUCATIVO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS:
A VEZ DA COMUNIDADE

Dissertação de mestrado

Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Educação e
Religião

Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F825p Franco, Maristela de Oliveira

O papel educativo das rádios comunitárias : a vez da comunidade / Maristela de Oliveira Franco ; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG, 2009.

109 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2009.

1. Radiodifusão comunitária – Aspectos sociais – Brasil. 2. Radiodifusão comunitária – Viamão (RS). 3. Educação popular – Brasil. 4. Comunicação de massa – Aspectos sociais. I. Brandenburg, Laude Erandi. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: Laude Brandenburg
Prof.ª Dr.ª Laude Erandi Brandenburg (Presidente)

2º Examinador: Valério Guilherme Schaper
Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper (EST)

3º Examinador: Mérli Leal Silva
Prof.ª Dr.ª Mérli Leal Silva (UNISINOS E BRAVAGENTE)

Dedico este trabalho ao Thales, para que sirva como motivação, ao meu pai, Albano e minha mãe, Thereza, a quem devo tudo o que sou e ao Alberto pelo carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela realização deste sonho;

Aos meus pais, Albano e Thereza, pelo amor e pela dedicação que sempre dispensaram aos filhos, ao qual atribuo tudo o que sou e conquistei.

Aos meus irmãos, Eduardo e Flávio, companheiros inseparáveis;

A meu amor Alberto, que sabe me dividir com meus sonhos;

À Merli, que apontou este caminho,

Às minhas amigas, Dalva, Jú, Nara, Rosane e Sueli, que sempre me apoiaram,

A minha orientadora Laude, pela paciência e pela dedicação;

E a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a conclusão desta jornada.

RESUMO

As Rádios Comunitárias exercem um papel importante nas comunidades em que estão inseridas. Além de ser um canal de expressão aberto à população local, permitem ao cidadão e à cidadã da periferia, excluídos digitalmente, culturalmente e socialmente utilizar as ondas hertzianas para se expressarem. O surgimento de milhares de rádios comunitárias em todo o país proporciona o início de um processo histórico de ruptura do monopólio dos meios de comunicação de massa. No âmbito da educação informal, as rádios comunitárias contribuem no processo da conquista da cidadania a partir da reflexão e da conscientização dos problemas e dos interesses coletivos.

Palavras-chaves: Rádios comunitárias. Comunicação comunitária. Educação informal.

ABSTRACT

Community radio stations have an important role in the communities in which they belong to. And aside from being an open channel expression for the local population, community radio stations allow periphery citizens, which are technological, cultural and socially excluded, to make use of Hertz vibration to express themselves. The thousands of community radio stations uprising all over the country provides the beginning of a historical process of breaking the media monopoly. In relation to informal education, community radio stations help in the process of citizenship conquest through reflection and the awareness of the problems and of the public concern.

Keywords: Community radio station. Community communication. Informal education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 EDUCAÇÃO: CONCEITOS CLÁSSICOS	10
1.1 A Dimensão Social da Educação	11
1.1.1 Das Capacidades às Habilidades	12
1.1.2 Da Ignorância ao Conhecimento	13
1.1.3 Dos Impulsos aos Ideais	13
1.2 Educação e Sociologia	15
1.3 As Modalidades do Processo Educativo	17
1.4 Educação Popular	19
1.4.1 Linha Histórica no Brasil	20
1.4.2 Conceito da Educação Popular	22
1.4.3 A Metodologia da Educação Popular	23
1.5 Educação Comunitária	25
1.5.1 Educação Comunitária como Contrainsurreição	25
1.5.2 Educação Comunitária como Movimento de Libertação	26
1.5.3 A Educação Comunitária como Autoajuda	27
1.5.4 Educação Comunitária como Economia Popular	28
1.6 O Papel dos Meios de Comunicação de Massa na Apropriação do Conhecimento	29
1.6.1 O Significado do Conhecimento	31
1.6.2 O Conceito de Cidadania	32
2 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NA SOCIEDADE	33
2.1 A Teoria da Sociedade de Massa: Fase do Totalitarismo	34
2.2 A Teoria da Sociedade de Massa: Fase do Pluralismo	37

2.3 A Indústria Cultural Segundo Theodor Adorno	39
2.4 A Teoria da Cultura de Massa x Cultura Popular: Conceitos Clássicos	41
2.4.1 Cultura Popular.....	43
2.4.2 Cultura de Massa.....	47
2.5 Os Meios de Comunicação de Massa (MCM)	48
2.5.1 Teoria Hipodérmica.....	49
2.5.2 Teoria Crítica da Sociedade.....	50
2.5.3 A Agenda <i>Setting</i> e a Espiral do Silêncio.....	51
2.6 A Realidade Brasileira dos Meios de Comunicação de Massa	53
2.6.1 O Contexto Histórico da Sociedade de Massa no Brasil.....	53
2.6.2 O Contexto Histórico do Rádio na Sociedade Brasileira de Massa.....	60
2.7 Meios de Comunicação Alternativos	63
2.7.1 A Comunicação Popular.....	64
2.7.2 Rádios Populares.....	66
2.7.3 Rádios Comunitárias.....	69
2.7.3.1 <i>Radiodifusão Comunitária: O que É uma Rádio Comunitária?</i>	70
2.7.3.2 <i>Como se Habilitar para a Prestação do Serviço de Radiodifusão Comunitária?</i>	70
2.7.3.3 <i>Como Deve Ser a Programação de uma Rádio Comunitária?</i>	72
3.RÁDIO COMUNITÁRIA DE VIAMÃO	73
3.1 História da Fundação da Associação Pró-Rádio Comunitária de Viamão	74
3.2 Grade da Programação Diária da Emissora	76
3.3 Entrevistas Realizadas com os Responsáveis e Colaboradores da Rádio Comunitária de Viamão	82
3.3.1 Entrevista com Estudante da Escola Açoriana de Viamão.....	91
3.3.2 Depoimento de Ester Hesseling.....	92
3.4 Análise da Rádio Comunitária de Viamão	93
3.4.1 Análise sobre a Dimensão da Educação.....	93
3.4.2 Análise sobre a Dimensão da Religião.....	99
3.4.3 Análise sobre a Dimensão da Comunicação.....	100
CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

As Rádios Comunitárias foram uma evolução das chamadas rádios populares, que tiveram seu auge na década de 1960, quando começaram a eclodir os movimentos sociais. As rádios populares surgiram para dar visibilidade a esses movimentos e para contribuir na modificação dos significados da sociedade de massa. Seu objetivo era conscientizar e valorizar a cultura regional.

A grande questão que esta pesquisa se determina a examinar é: Estão as Rádios Comunitárias cumprindo o seu papel educativo de disseminar a cultura e o saber popular? Se estão atingindo esses objetivos, como estão procedendo?

O objeto principal do estudo é a programação da Rádio Comunitária de Viamão FM, que opera na cidade de Viamão, município localizado no Rio Grande do Sul. A pesquisa visa verificar o papel educativo que esse canal de comunicação exerce na formação e na educação de pessoas da comunidade e de que maneira a rádio comunitária colabora para o fortalecimento da cultura, dos valores e dos costumes locais. Os objetivos específicos são: apontar o ponto de intersecção da comunicação com a educação; avaliar se a emissora, por meio de sua programação, está cumprindo seu papel educativo, contribuindo para a educação e a conscientização dos ouvintes da localidade em que atua e averiguar se a rádio comunitária está sendo um contraponto aos veículos de comunicação de massa.

A metodologia aplicada para a realização deste trabalho fez uso de pesquisa bibliográfica e de estudo de caso coletados por meio de pesquisa qualitativa, utilizando a técnica de entrevista semiestruturada com o diretor da emissora, os locutores, os colaboradores eventuais, um aluno de uma escola, uma ouvinte, uma moradora da comunidade. Para uma maior compreensão do processo operacional, também foi utilizada a técnica de observação participante. Durante três meses, a pesquisadora conviveu oito horas semanais, acompanhando toda a programação da emissora e convivendo com os colaboradores. A técnica aplicada possibilitou a elaboração das sinopses dos programas e as reflexões sobre o conteúdo da programação.

Os resultados da pesquisa serão apresentados no decorrer de três capítulos. O segundo capítulo apresenta um estudo sobre a educação sob o enfoque sociológico. O terceiro capítulo aborda o processo de comunicação de massa, a indústria cultural, a comunicação popular e comunitária e o último capítulo apresenta a Rádio Comunitária de Viamão.

1 EDUCAÇÃO: CONCEITOS CLÁSSICOS

O conceito de educação normalmente é definido como descritivo e normativo. O conceito descritivo refere-se aos processos e o conceito normativo está relacionado aos fins que a educação se destina. Segundo William F. Cunningham¹, o conceito ideal é a união das desses dois conceitos.

Os processos relacionados ao conceito descritivo podem ser vistos sob dois pontos de vista: o do indivíduo e o da sociedade. Pelo ponto de vista do indivíduo, o *processo educacional do indivíduo* procura estimular o desenvolvimento pessoal e o crescimento em todos os aspectos: cognitivo, afetivo e profissional. É a concepção educacional dos povos ocidentais, que visam ao desenvolvimento mais competitivo e ao desenvolvimento da transformação. A forma de educação pelo desenvolvimento tem como característica básica o individualismo, no qual a pessoa pensa muito no seu desenvolvimento, na sua capacidade de se transformar para poder ter melhores chances em uma sociedade competitiva. A sociedade ocidental, principalmente a sociedade neoliberalista, estimula o processo de desenvolvimento do indivíduo como uma maneira de estimular a competitividade e alavancar o crescimento.

¹ CUNNINGHAM, William F. **Introdução à educação**: problemas fundamentais, finalidades e técnicas. Rio de Janeiro: Globo, 1960.

O *processo educacional da sociedade* dá-se pela perpetuação de sua cultura, seus hábitos e seus costumes. É a concepção observada frequentemente nas sociedades orientais. O processo educacional desenvolvido nessas sociedades acontece por meio da transmissão de conhecimento de uma geração para outra, de saberes e culturas que se transformam em história de povos. Cunningham fala em sociedades orientais por se tratar de culturas milenares que perpetuam suas características lutando pela continuidade de seus valores culturais.

Por mais primitiva que seja, toda sociedade possui um processo cultural de transmissão. Todo grupo social age conforme o código estabelecido, seja ele formal ou não. Estes códigos são absorvidos pelos indivíduos, Cunningham afirma que não existe processo de desenvolvimento individual que não esteja ligado ao processo cultural. Todo o desenvolvimento individual está atrelado ao comportamento do grupo social, e ambos têm como objetivo a transformação e a mudança, por isso não se compreende o desenvolvimento individual sem a transmissão cultural, trata-se, portanto, da herança social. Por conseguinte, tanto sob o ponto de vista do indivíduo como da sociedade, a educação é um estímulo de transformação orientada e conduzida pelo grupo social.

1.1 A Dimensão Social da Educação

O ser humano é um ser social e, desde o seu nascimento, passa por inúmeros processos educativos até que se transforme em um cidadão ativo perante a sociedade na qual está inserido. Dentro deste conceito, o que se espera é que

uma criança passe por processos educativos até que ela se transforme em uma pessoa útil e operante para o grupo social em que está inserida.

Cunningham classifica o processo educativo de transformação do indivíduo social em três etapas: a primeira diz respeito a como o ser humano adquire as habilidades necessárias para sobrevivência; a segunda diz respeito à aquisição do conhecimento, da capacidade de o ser humano sair da ignorância por meio do contato com outros indivíduos; a terceira faz relação à capacidade que temos de transformar nossos impulsos em motivações e objetivos.

1.1.1 Das Capacidades às Habilidades

O ser humano quando nasce é incapaz de sobreviver sozinho, já os animais, por instinto, sobrevivem. O ser humano nasce com o instinto de sugar, agarrar e engolir, o restante precisa ser aprendido. Esse processo de aprendizagem exige um longo período de dependência, normalmente entre a infância e a adolescência. Nos animais, o instinto substitui o processo de aprendizagem e não muda, por isso não há evolução, não há progresso, seus hábitos são fixos. Já o indivíduo, apesar de sua total dependência ao nascer, por meio da aprendizagem, ultrapassa a capacidade dos animais inferiores e com a capacidade adquirida edifica uma civilização. Nessa linha de pensamento, Émile Durkheim² aponta que “educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aqueles que ainda não estão maduros para a vida social”. A teoria de Durkheim ratifica o pensamento de Cunningham ao afirmar que, *a priori*, o ser humano maduro não age por instinto, seus hábitos de comportamento hereditário são alterados pela aprendizagem, e o primeiro processo

² DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 16.

educativo é transformar as capacidades em habilidades, como por exemplo, o desenvolvimento da habilidade de usar as linguagens oral e escrita.

1.1.2 Da Ignorância ao Conhecimento

Toda habilidade implica conhecimento, contudo, o conhecimento passa pelo desenvolvimento de habilidades escolares como ler, escrever e somar, que são instrumentos de aprendizagem eficazes para adquirir novos conhecimentos. A suprema habilidade do ser humano está em pensar, mas mesmo o pensar está condicionado à aprendizagem, pois sem os conceitos derivados de experiências, a pessoa não tem no que pensar. Pensar é usar as percepções e os conceitos vivenciados na tentativa de solucionar problemas. O conhecimento vem das percepções do indivíduo, e a pessoa, como ser racional, usa o pensamento na busca de soluções. Isso significa crescer em conhecimento. A criança sai de sua ignorância e, em decorrência do aprendizado social, adquire conhecimento característico de um adulto.

1.1.3 Dos Impulsos aos Ideais

O processo educacional não se esgota com a aquisição de conhecimento e desenvolvimento das habilidades. Existem outros fatores que são processos do indivíduo, a passagem da infância para a adolescência e desta para a fase adulta. Durante a infância o ego infla e o egoísmo aflora, fazendo da criança uma tirana. É nesse período que a criança descobre o poder do meu e do teu. Tudo o que passa a contribuir para o conforto próprio e a exaltação de seu ego fica exposto, inclusive o

impulso sexual que se manifesta. Para a sociedade, um indivíduo que cresceu em habilidade e conhecimento, mas que sucumbe aos instintos animais, constitui mais em um ser passivo do que ativo. Por isso, deve haver o controle racional da conduta humana. Surge, então, o terceiro grupo do processo educacional, que visa transformar os impulsos animais em ações motivadas por ideais.

Após apresentar de forma estratificada os três grupos de transformações que constituem o processo educacional completo, Cunningham apresenta sua definição de educação como “o processo de crescimento e desenvolvimento pelo qual o indivíduo assimila um corpo de conhecimentos, demarca seus ideais e aprimora sua habilidade no trato dos conhecimentos para a consecução daqueles ideais”.³

Essa definição enquadra-se na dimensão social de educação, conceito que será abordado neste trabalho. Cunningham também aborda em sua obra a dimensão filosófica da educação por meio de quatro correntes de pensamento: Idealismo, Materialismo, Humanismo e Supernaturalismo. Essas correntes não serão analisadas neste momento por não serem, de forma direta, relevantes para o desenvolvimento do tema a que se propõe esta explanação.

A questão do processo educativo sob o enfoque do indivíduo que vive em sociedade, abordado neste trabalho, será aprofundado por meio de estudo do desenvolvimento do ser humano sob a ótica de um fato social trabalhado por Émile Durkheim⁴.

³ CUNNINGHAM, 1960, p. 9.

⁴ DURKHEIM, 2001, p. 19

1.2 Educação e Sociologia

Durkheim trabalha com o conceito de que a educação é um processo social, um pressuposto de convivência harmônica que rege a vida das pessoas que vivem sob um determinado código de conduta. Cada povo determina a educação que rege as organizações moral, política e religiosa que são essenciais para manter a ordem e a evolução natural do desenvolvimento comum. Cada sociedade tem seu ideal de indivíduo, e este ideal é o polo da educação.

Sem a sociedade o indivíduo seria um animal. É através da linguagem, das religiões, das ciências e das obras coletivas que o ser humano evolui, passa de sua condição primitiva para a condição social. É sob esse prisma que se pode chegar a concepção de educação no âmbito sociológico.

Durkheim critica o conceito filosófico de educação individualista, principalmente o conceito de Kant, que coloca o processo educativo como forma de o ser humano atingir a perfeição e a plenitude. Há uma presunção nessa colocação, pois a filosofia antiga esquece que o indivíduo não está sozinho no tempo e no espaço, e que a educação é arbitrada pela sociedade. Pode-se pegar como exemplo a sociedade de Atenas. Que tipo de educação era praticada? O que se esperava de um homem e de uma mulher ateniense? Certamente não era o mesmo que se esperava de uma sociedade como a de Esparta; tampouco é semelhante à sociedade latina atual.

A educação é um processo social que coloca a criança em contato com a sociedade, e é incontestável dizer que o sistema educativo de uma organização social se impõe sob o desenvolvimento individual de cada ser humano. Durkheim

constata que o Estado tem uma participação importante no processo educativo, mas defende a não intromissão do Estado na educação. Ele sustenta que a história de uma organização social influencia de forma definitiva o desenvolvimento de um indivíduo. Durkheim defende que deve haver uma contestação natural do indivíduo, e é essencial que o ser humano esteja sempre questionando a autoridade à qual é submetido, porém respeitando os limites.

Dentro dessa linha de raciocínio, é importante ressaltar que a educação é um processo que acontece ao longo da vida, ela é inconsciente e nunca para. Há uma comunicação subliminar por meio de palavras e atitudes, o processo de ensinar é inconsciente e bem diferente do processo pedagógico. A pedagogia consiste em teorias que “são maneiras de conceber a educação, não maneiras de a praticar. Por vezes, distinguem-se de tal forma das práticas usuais que se lhes opõem”.⁵

Para José Carlos Libâneo⁶, “educação compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, sejam eles intencionais ou não-intencionais, sistematizados, ou não, institucionalizados ou não”. Libâneo ratifica questões trabalhadas por Cunningham e Durkheim ao abordar a educação não-intencional ou, como é conhecida, educação informal, que demonstra que há multiplicidade de modalidades educativas, e que o processo educativo não pode ser restrito somente ao âmbito escolar.

⁵ DURKHEIM, 2001, p. 71.

⁶ LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 81.

1.3 As Modalidades do Processo Educativo

Segundo Libâneo⁷, há duas modalidades de educação, a intencional e a não-intencional essa última chamada de informal. A educação intencional pode ainda ser classificada de formal e não-formal.

A classificação da educação intencional surge como consequência do processo natural da vida em comunidade. Segue os padrões culturais, políticos e religiosos, conforme como já foi abordado por Durkheim. A classificação organiza-se de acordo com o grupo e com os processos educacionais intencionais, implicando objetivos sociopolíticos explícitos que contêm métodos, lugares e condições específicas.

A educação não-intencional, por sua vez, não é estruturada e boa parte dela ocorre de maneira informal. Ela atua sob a personalidade das pessoas de modo disperso e difuso. Pode-se citar como exemplo a educação que os pais dão para os filhos, a atuação dos meios de comunicação, entre outras formas que encontramos dentro do processo educativo informal.

A educação formal, segundo Libâneo, refere-se a tudo que possui uma forma previamente estruturada, organizada, planejada e sistematizada. Isso significa dizer que onde há ensino, há educação formal. A sistematização é o fator determinante, mesmo assim, não pode ser classificada somente de educação escolar, existem formas não-convencionais, como a educação profissional e a educação sindical, que também são caracterizadas como formal por possuírem um processo pedagógico-didático.

⁷ LIBÂNEO, 2005, p. 82

A educação não-formal também apresenta o caráter da intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização. Trabalha com algum grau de estrutura pedagógica, mas não-formal. Nessa modalidade situam-se os movimentos sociais urbanos e rurais, trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação e equipamentos urbanos culturais como: parques, cinemas, museus, áreas de recreação entre outros. Assim, vemos uma interação entre a escola e o processo não-formal quando ocorrem atividades extraclasse. A escola pode utilizar como recurso a visita a um museu (educação não-formal) para complementar sua atividade formal. Da mesma forma que uma atividade não-formal pode valer de processos sistematizados e estruturados para promover uma atividade de ensino como, por exemplo, quando uma associação de bairro promove um curso para as donas de casa da região. Pode ser um curso de culinária ou um curso de bordado que necessite uma certa forma de estrutura. Neste caso se estabelece o processo formal explícito.

Dentro desse processo, Libâneo salienta as diferenças das modalidades, mas se preocupa em deixar claro que uma não exclui a outra, e que não se pode confundir educação não-formal com meios alternativos de educação, que tem a clara intenção de substituir o papel da escola na sociedade. As duas modalidades não são excludentes. Elas se complementam com o objetivo de formar um cidadão ou uma cidadã com consciência crítica, com princípios de conduta social e que visam ajudar na construção e na formação de um grupo social.

À educação não-formal cabe o papel de complementar, de apresentar os contextos social, político, econômico e cultural nos espaços de convivência, de forma que produza efeitos educativos, através de atos conscientes e intencionais, mesmo que de forma pouco ou nada estruturada. Esse espaço deve refletir os

modelos de normalidade social, regras de convivência, ideias políticas, tudo com vistas ao desenvolvimento da comunidade.

À educação formal cabe o papel da prática educativa intencional e científica, em função da consciência crítica, orientada para a investigação dos efeitos da educação não-formal nos processos cognitivos e dos elementos que constituem a própria natureza dos conteúdos e dos métodos de ensino. É nisso, segundo Libâneo, que se empenha a pedagogia crítico-social.

Atualmente, sabe-se que há uma tentativa de pedagogização dos processos informais de educação, principalmente por parte dos pedagogos da “educação popular” que visualizam na educação informal a construção de espaços democráticos de aprendizagem. Multiplicam-se os adeptos dessa teoria que, segundo Libâneo, é um processo que está gerando um grande impacto, principalmente, devido ao desenvolvimento de novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), da urbanização e da alteração nas relações de trabalho.

Para ampliar um pouco e estender o lastro teórico deste trabalho, parte-se agora para um olhar sobre a educação popular, sua relação com a formalidade, com a não-formalidade e com a informalidade. Muito mais do que um trocadilho, as diferenças são bastante claras à medida que se busca uma conceituação consistente e fundamentada que dê uma orientação clara sobre os processos educativos.

1.4 Educação Popular

A educação popular nasceu com o propósito de estender a escolarização a todas as camadas da população e, assim, capacitar cidadãos para o exercício de

uma cidadania responsável. A seguir, será feito um breve relato da história desse processo no Brasil, e a metodologia utilizada, segundo os conceitos de autores que trabalharam essa questão.

1.4.1 Linha Histórica no Brasil

As raízes da educação popular, segundo Danilo Streck⁸, têm sua origem em uma educação escolar deficiente desde os tempos do descobrimento até o período por volta de 1930, em que a sociedade funcionava muito bem sem a escola, pois havia grande necessidade de mão-de-obra que sustentasse o regime agrícola da época. A escola era somente para a elite e algumas vezes utilizada para sustentar o *status* social. Por muito tempo houve, inclusive, um movimento contrário ao estudo no Brasil-colônia. Era, de certa forma, desconfortável despertar qualquer tipo de consciência social e política. Tanto que, em 1855, o ensino elementar não atingia nem 9% do total da população livre, o que correspondia a aproximadamente 80% da população.⁹

A partir de 1930 começa o processo de industrialização no Brasil e os movimentos sindicais passam a se manifestar. Entre 1950 e 1960 o povo começa a ter voz com processo de alfabetização, que teve como intuito romper com o silêncio. Nesse momento, percebe-se a deficiência do ensino regular das escolas e tem início o processo de educação para adultos. É um ensino compensatório que visa preencher um vazio de um sistema deficitário do passado. Carlos Brandão¹⁰ chama esse processo de educação barata e francamente compensatória, pois o povo

⁸ STRECK, Danilo R. **Correntes pedagógicas**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁹ PAIVA, Vanilda P. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1973. p. 58.

¹⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

continuava ocupando posições subalternas, ou seja, apenas era capacitado para realizar um trabalho mais aprimorado e, mesmo assim, ainda havia injustiça social.

Outra raiz importante da educação popular foram os movimentos das Igrejas, e um ponto importante foi a Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín em 1968, na qual a Igreja Católica rompe com a Pastoral tradicional. As Comunidades Eclesiais de Base(CEBs) dão um grande passo em direção a uma mudança da visão dos problemas da América Latina, questionando sua subordinação ao Primeiro Mundo. No período da ditadura Militar, os CEBs, muitas vezes, foram os únicos lugares possíveis para quaisquer articulação política.

A Igreja Protestante, por sua vez, lança o projeto Vida Nova em Cristo, elaborado pela Celadec, organismo ecumênico criado em 1962. Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana(IECLB), em 1974, também surge proposta pedagógica própria chamada Catecumenato Permanente¹¹ – discipulado permanente que colocava como objetivo a “libertação integral em Cristo, para vivência do evangelho em comunhão e conseqüentemente ação responsável no mundo”.

As Igrejas abriram, assim, espaço para o diálogo entre os setores da sociedade para uma prática pedagógica mais comprometida com a reflexão e com o questionamento social.

1.4.2 Conceito da Educação Popular

“Educação popular parte do pressuposto de que o povo é possuidor de cultura de saber.”¹² Streck coloca que há muitas formas de olhar a cultura popular.

¹¹ STRECK, 2005, p. 72.

¹² STRECK, 2005, p. 73.

Não se pode partir de um vazio cultural, mas sim de uma releitura da cultura existente, com uma nova visão do conteúdo. Há uma nova forma de produção de conhecimento e de relacionamento sem que tenha o propósito de substituição da cultura. É uma nova forma de ela ser trabalhada. O popular ligado tanto à cultura como a educação significa o não-oficial ou não-formal, dependendo do contexto. O mais importante é reconhecer que existem formas culturais distintas, que existem projetos de classes subalternas que por muito tempo foram excluídas da sociedade.

O berço da educação popular está ligado aos movimentos sociais de trabalhadores negros, índios, mulheres, enfim, pessoas marginalizadas que conferiram movimento próprio de revisão de conceitos do conhecimento. Citando Paulo Freire, Streck salienta que a educação popular está comprometida como um instrumento de ação sobre a realidade. O conhecimento não é uma mercadoria pronta, mas surge a partir da luta concreta por melhores condições de vida, um espaço construído pelas próprias camadas populares que expressa suas críticas e constroem formas de apreender e explicar os problemas existentes na sociedade.

Outra visão da educação popular é a apropriação do erudito reconstruído a partir de uma perspectiva popular. Há uma integração em que a educação popular é a base e o erudito é integrado e reconstruído a partir dessa base.

1.4.3 A Metodologia da Educação Popular

A metodologia é muito importante, pois parte do processo de construção de um projeto de uma nova sociedade que abrange vários setores de um grupo social, passando do individual para o global e do comunitário para o setorial. Nesse contexto, a educação popular foi muito criticada, justamente por tratar de uma

educação que visava a uma sociedade utópica e que não conseguia integrar os sonhos e os desejos individuais a um projeto real. Frei Betto e Heredia¹³, ao analisarem as eleições presidenciais no Brasil, comentam que a Educação Popular precisa de um novo caráter. Um caráter que saia do imaginário e trabalhe na ordem da razão, sendo exigido novas modalidades de comunicação e expressão. Isso pressupõe olhar para os educadores populares como assessores que conduzam um grupo de forma a terem uma caminhada independente. O grupo, nesse caso, tem o papel principal, ao assessor cabe apenas orientar e informar o processo. É muito importante que esse assessor tenha tido experiências fora das camadas subalternas e que, mesmo assim, coloque sua experiência e seu conhecimento a serviço de um projeto social.

É importante que a metodologia da educação popular consiga unir as palavras com o fazer e com as atitudes, possibilitando o trânsito entre o trabalho e a cidadania. Sabe-se que existe a desigualdade, mas sabe-se, também, que a educação popular busca instrumentos para diminuir essa distância.

Danilo Streck coloca muito claro que devido à quantidade de publicações sobre a educação popular, houve um esgotamento do tema e um abuso no sentido de buscar apoio do povo para conseguir subsídios em agências financiadoras. O ponto positivo disso é que o assunto continuou vivo, e algumas práticas passaram a integrar conceitos ideologicamente conservadores, porém novos referenciais teóricos deverão ser elaborados na tentativa de distinguir entre educação popular e “concepção metodológica dialética” que Oscar Jará, citado por Streck, define da seguinte forma:

¹³ BETTO, Frei; HEREDIA, Fernando M. Questões atuais do socialismo. **Cepis**, São Paulo, doc. n. 5, 1990.

A concepção Metodológica Dialética se baseia na “Teoria Dialética do Conhecimento”, que afirma que o processo do conhecimento tem como ponto de partida a prática social; que esta é a base da teoria e que a teoria deve servir para transformar a prática. Este processo: partir da prática- teorizar sobre ela – volta à prática para transformá-la, ou o que é o mesmo: partir do concreto – realizar um processo de abstração – regressar ao concreto para transformá-lo.¹⁴

Segundo Streck¹⁴, este conceito é mais amplo e se aplica a questões gerais como saúde e comunicação. O conceito de educação popular ficaria restrito ao processo educativo.

Há ainda o conceito trabalhado por Matias Preiswerk, também apontado por Streck, que discorre sobre a educação libertadora que, segundo ele, é mais abrangente. Em sua concepção, a educação popular fica restrita ao âmbito do trabalho educativo com as classes populares.

O tema da educação popular é muito amplo e foi superficialmente trabalhado nestas páginas. Foram feitos apenas relatos de alguns autores que se preocupam com uma educação mais democrática e menos centralizada, menos elitista. O assunto não se esgota nestas páginas e, apesar de Danilo Streck comentar em seu livro que este assunto já foi muito abordado, ele também afirma que há necessidade deste tema continuar sendo citado, principalmente, nas questões relacionadas a novas elaborações teóricas que pesquisem outros modelos de educação popular.

Para avançar no tema sobre a democratização do conhecimento, este trabalho fará uma breve explanação sobre os conceitos de comunicação comunitária que, assim como a educação popular, olham sob outro ângulo o processo educativo.

¹⁴ STRECK, 2005, p. 79.

1.5 Educação Comunitária

Educação comunitária pressupõe participação. Uma escola comunitária parte do princípio de que todos colaboram, todos interagem com o propósito de atingir um objetivo que é o processo educativo menos individualista e mais social, mais coletivo, segundo afirma Jair Militão.¹⁵ Para o autor, educação comunitária é um processo coletivo, muitas vezes não-formalizado, como a educação escolar tradicional, e que trabalha fora da modalidade seriada com rígido processo de sistematização de avaliações. Militão fala de uma pedagogia para o trabalho comunitário citando algumas modalidades e ele aponta como marco inicial o término da Segunda Guerra Mundial.

1.5.1 Educação Comunitária como Contrainsurreição

A partir do final da Segunda Guerra Mundial, instaura-se no mundo uma nova forma de administração de poder. Formam-se dois blocos hegemônicos: Estados Unidos e União Soviética, os outros países passam a compactuar a guerra fria, basicamente por questões econômicas e geográficas. Os aliados de um são automaticamente inimigos de outro. É a doutrina geopolítica, ou seja, a localização geográfica passa a ser um fator determinante. Quem está mais próximo de uma potência, automaticamente passa a apoiá-la.

A educação e os meios de comunicação passam a ter importância vital no sentido de validar a liderança de um bloco econômico e, neste período, a educação

¹⁵ MILITÃO, Jair. **Como fazer trabalho comunitário?** São Paulo: Paulus, 2003.

comunitária passa a ser vista como uma forma eficaz de preparar a população para a contrainsurreição, ou seja, prepara a população para que se defenda da dominação cultural do bloco.

No Brasil, o período é de transição para a democracia, acontece dentro período do regime militar, apesar deste sistema já estar enfraquecido. Mais do que nunca havia pessoas e entidades incumbidas de manter a “ordem interna”. Com a mudança do panorama externo, entidades internas passaram a não encontrar apoio financeiro o que possibilitou a expansão de entidades comunitárias.

1.5.2 Educação Comunitária como Movimento de Libertação

Neste aspecto a educação comunitária teve e tem um papel muito importante na luta contra regimes de governo autoritários que oprimem o povo e o submetem a condições subumanas de vida. A educação comunitária prepara as pessoas no sentido organizar uma nova cultura, com novos valores, uma outra visão de mundo que muitas vezes a população não conseguia vislumbrar. Exemplos como a Nicarágua nos anos de 1980 e, mais recentemente, a África, bem como em muitas outras partes do mundo, mostraram que através do processo educativo comunitário é possível atingir os objetivos de formar lideranças que irão atuar em movimentos chamados movimentos de base.

Enquanto a Educação Comunitária da Contrainsurreição luta para combater os poderes de dominação externos, tendo como único objetivo a conscientização da população dos poderes dos blocos econômicos, a educação comunitária da libertação aborda as questões internas de interesses antagônicos da sociedade. A

busca da solução de conflitos entre pobres e ricos, entre dominados e dominantes no sentido de buscar uma sociedade mais justa e igualitária.

1.5.3 A Educação Comunitária como Autoajuda

Esse tipo de educação comunitária pode ser entendido como característica de uma determinada população de uma certa área geográfica, ou como uma mesma problemática que encara a situação política e econômica como resultado das suas ações e considera suas atitudes, individuais ou em grupo, determinantes de seu fracasso ou sucesso.

O objetivo principal sob esta perspectiva é desenvolver uma educação comunitária que leve os integrantes a pensarem juntos os problemas existentes na sociedade e acharem recursos e formas de suplantarem as dificuldades do cotidiano. O horizonte das ações é a melhora do padrão de vida de todos.

A educação comunitária, sob esta ótica, é considerada uma necessidade inerente ao ser humano e que deve estar presente na vida de todos. Isso pressupõe uma realidade social em que as pessoas estão engajadas nos movimentos de melhoria e veem na educação um instrumento de mudança e evolução. Uma das características dessa forma de educação popular é o envolvimento dos cidadãos no sentido de estarem constantemente buscando a superação de problemas comunitários. Segundo Jair Militão, espera-se de uma educação estilo autoajuda, um sistema mais eficaz, com melhorias nos sistemas de programas de desenvolvimento, atuação mais integrada entre agências educacionais e outros tipos de agências, visando a melhoria da qualidade de vida de todos.¹⁶

¹⁶ MILITÃO, 2003, p. 32.

1.5.4 Educação Comunitária como Economia Popular

Essa modalidade é descrita por Militão como uma forma paliativa de abordar a questão. Ela normalmente funciona incentivada por organismos já existentes, que podem ser os governos municipal, estadual ou federal que atribuem à educação comunitária o papel remediador, e não incentiva o desenvolvimento global, mas fomenta práticas emergenciais para solucionar problemas existentes na sociedade. Ou seja, o governo não assume demandas reais da população, não proporciona condições básicas, ele repassa sua responsabilidade por meio do fomento de ações comunitárias para atender as carências da sociedade. Essa, segundo o autor, não é uma forma que contribua para o desenvolvimento da comunidade, ela é paliativa e protecionista.

Diante das modalidades apresentadas é importante salientar que o papel da educação comunitária deve ser de desenvolvimento individual e social, que dê conta de uma sociedade produtiva e que realmente colabore na melhoria da qualidade de vida da população. Além disso, ela deve motivar e incentivar a produção, a circulação e o consumo de bens e serviços que proporcionem qualidade suficiente ou, pelo menos, digna.

Uma educação comunitária deve atender aos anseios do aprendiz com o objetivo de capacitar e orientar na busca pelo crescimento. Ela não deve ser reducionista, que exclui novas formas de administração tidas como malélicas. A educação popular deve, acima de tudo, promover a consciência crítica e a autonomia na apropriação do conhecimento, para que a população tome decisões conscientes com desenvoltura e segurança, não apenas baseadas nas questões

emocionais. É nesse ponto que Militão coloca que a prática pedagógica da educação popular deve primar pela abordagem da razão e não da emoção.

1.6 O Papel dos Meios de Comunicação de Massa na Apropriação do Conhecimento

Fica a cargo da escola o papel principal da apropriação do conhecimento e a formação da cidadania, porém há outras formas de acesso a informações que participam da formação de uma sociedade, como por exemplo, os meios de comunicação de massa.

Os meios de comunicação de massa fazem isso informalmente, por meio de sua programação, seja televisão, rádio, jornal ou outros meios. Entretanto, muitas iniciativas foram desenvolvidas usando metodologias estruturadas, como por exemplo, o Projeto Minerva, o maior programa de Radiodifusão que já teve início nas décadas de 1970 e 1980 e que era transmitido em rede nacional. Alguns exemplos foram muito bem-sucedidos, outros nem tanto. Um dos meios mais utilizados para esta finalidade foi o rádio. Pode-se observar uma tentativa constante, no decorrer dos anos, de utilização devido a facilidade de manuseio e penetração em todas as classes sociais.

Segundo Margarida Kunsch¹⁷:

os meios de comunicação em todas as suas modalidades, desde as mais sofisticadas até as mais simples, têm um papel imprescindível de mediador da realidade no processo pedagógico da apropriação do conhecimento sob a dimensão histórica, pois têm a possibilidade de registrar e transmitir conhecimentos já produzidos pela humanidade há séculos, fato

¹⁷ KUNSCH, Margarida Krohling (Org.). **Comunicação e educação**: caminhos cruzados. São Paulo: Loyola, 1986. p. 52.

que significa guardar o resultado do esforço histórico da humanidade, para vencer as resistências da natureza.

Fica claro, segundo a autora, que os meios de comunicação exercem um papel complementar no sentido de auxiliar a compreensão da realidade e a apropriação do conhecimento. Porém, há de ter-se muito cuidado em utilizá-lo como instrumento pedagógico. Necessariamente é preciso fazer-se uma leitura crítica e uma análise dos conteúdos que estão sendo transmitidos, pois alguns veículos de comunicação não têm nenhum comprometimento com a formação da cidadania e sim com interesses próprios.

O uso dos meios de comunicação como instrumento pedagógico exige um esforço maior para a compreensão crítica do que está sendo comunicado. Exige que se faça uma análise da mensagem, sobretudo do objeto que foi comunicado.

Neste caso é necessária uma comunicação bidirecional¹⁸ ou seja, exige conversa explicativa. Os meios de comunicação não podem ser unidirecionais, pois as mensagens muitas vezes estão comprometidas com ideologias não condizentes com os valores de uma sociedade onde estão inseridos.

Um filme pode ser um excelente canal de informação, porém merece um debate e uma reflexão. Um vídeo precisa de uma discussão. É necessário um esforço de interiorização e assimilação do conhecimento. As informações não podem simplesmente ser jogadas sobre as pessoas, elas precisam ser elaboradas para se tornarem conhecimento.

¹⁸ KUNSCH, 1986, p. 51.

1.6.1 O Significado do Conhecimento

“Por conhecimento, entendemos a capacidade que o ser humano tem de elucidar e compreender a realidade”¹⁹ a partir de seus elementos biológicos e formação cultural.

O conhecimento é como uma vela que ilumina o caminho e que ajuda a elucidar a realidade. Por isso, o conhecimento não pode ser algo que deva ser memorizado, ele deve ser internalizado para ser adequadamente assimilado. O conhecimento não tem limites. O limite pode ser a realidade de cada indivíduo, portanto o grande desafio é a realidade. O conhecimento é usado como um instrumento que alavanca o desenvolvimento de toda uma sociedade.

Cabe à escola o papel principal da preparação do educando na apropriação do conhecimento para a conquista da cidadania. O educando, apropriando-se do conhecimento como uma forma de compreensão da realidade, está se preparando para enfrentar os desafios do mundo e também para enfrentar os desníveis sociais.²⁰ Ele estará preparado para reivindicar socialmente os seus direitos e conhecimento irá se transformar em instrumento de preparação para a conquista da cidadania.

1.6.2 O Conceito de Cidadania

Educação não é um processo que se restringe a preparar o ser humano para o mercado de trabalho, não há como reduzir o ensino a um processo de

¹⁹ LUCKESI, Cipriano (Org.). **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 1985.

²⁰ KUNSCH, 1986, p. 46.

treinamento. Segundo Pedrinho Guareschi e Oswaldo Biz²¹, é preciso transformar a educação em um processo de libertação, com uma visão crítica da realidade e que esteja associado à questão de cidadania, não como um estado natural da vida, mas como uma conquista e um compromisso histórico, destacando a participação no processo de decisões tomadas na construção de uma nação. Quando se fala em participação é necessário distinguir três níveis: planejamento, execução e resultados.

Na maioria das vezes, o povo é convidado a participar apenas da execução, e o que se observa são os resultados são mal-distribuídos, como pode ser percebido pela má-distribuição da renda no Brasil. O ponto-chave, de acordo com o autor, é a participação no planejamento, momento em que são tomadas as decisões mais importantes e fundamentais. É no planejamento que se decide quem faz o quê, quem executa e quem fica com o quê.

Cidadania, portanto, na visão do autor, é participar do planejamento, o que significa expressar sua opinião e manifestar seu pensamento. É nesse ponto que se vê a importância da comunicação para a cidadania. Há convicção de que “a solução para existência de uma mídia que seja democrática e participativa passa pela educação. Não apenas a educação que se faz na escola, mas também a que deve ser feita em todas as instâncias da sociedade”.²²

²¹ GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Oswaldo. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis. Vozes, 2005. p. 33.

²² GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 35.

2 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NA SOCIEDADE

Após fazer uma incursão nos conceitos de educação clássica, formal, informal e não-formal e abordar a apropriação do conhecimento pelos meios de comunicação, torna-se pertinente fazer uma análise crítica dos meios de comunicação sob dois enfoques: os meios de comunicação formais, ou seja, aqueles que estão classificados dentro da legislação²³ como meios de comunicação de massa e os meios de comunicação não-formais, que incluem os meios de comunicação populares e comunitários.

Antes de falar dos meios de comunicação de massa, é preciso, porém, fazer uma incursão histórica na origem da sociedade de massa. Alan Swingewood, em seu livro *O Mito da Teoria de Massa*²⁴, faz uma análise dos princípios da cultura do capitalismo à luz da versão de críticos literários como F. R. Leavis, T.S. Elliot, Tocqueville, Nietzsche, Gasset e os críticos marxistas T.W. Adorno, Max Horkheimer e Hebert Marcuse.

²³ BRASIL. Lei n. 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações em todo o território brasileiro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4117.htm>.

²⁴ SWINGEWOOD, Alan. **O mito da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Interciência, 1978. p. 5.

2.1 A Teoria da Sociedade de Massa: Fase do Totalitarismo

A origem do conceito de sociedade de massa, segundo Alan Swingewood²⁵, está ligada à rápida industrialização da Europa Ocidental, final do século 19, que resultou no desenvolvimento de uma sociedade capitalista do trabalho, na organização da produção em série, em larga escala, no crescimento das cidades, em um sistema mais complexo e universal de comunicações e no surgimento dos movimentos políticos que lutavam pelo direito de voto das classes populares. O termo “massa”, segundo o autor, implica em uma mudança ideológica à medida que as relações sociais pré-capitalistas se dissolvem e surge a classe dirigente burguesa que procura legitimar seu domínio. O capitalismo modifica a estratificação social, o privilégio da hereditariedade cede lugar à luta igualitária das classes. O termo “massa” começou a ser empregado de forma pejorativa pelos defensores da ideologia pró-aristocrática, para fazer referência ao proletariado industrial, e surgiu antes da burguesia ter poder dentro do moderno Estado Capitalista.

A primeira crítica sociológica à sociedade de massa é feita por Alexis Tocqueville²⁶. Ele afirma, em sua obra, que a sociedade não era mais governada por princípios de hereditariedade e vínculos tradicionais de dependência, mas pelo individualismo, materialismo e instabilidade social. Além disso, responsabiliza a Revolução Industrial pela doença democrática da inveja. Tocqueville afirma que a miséria humana havia se tornado fruto das leis e não da providência divina. A crítica do autor é decisivamente aristocrática, segundo ele, a “alta cultura” era ameaçada pela nova cultura burguesa, na qual autores lutam para assustar a população e não

²⁵ SWINGEWOOD, 1978, p. 6.

²⁶ TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 245.

para agradar, despertam paixões, em vez de desenvolver o “bom gosto”. A literatura passa a ser um simples comércio e o conteúdo literário, mercadoria.

Assim como Tocqueville, Nietzsche, segundo Swingewood²⁷, também tinha uma crítica aristocrática da sociedade moderna, para Nietzsche a ameaça vinha “de baixo”, do “homem comum”, do “homem da massa”, que devia ser ensinado a conhecer e aceitar o seu lugar “natural” para que a cultura tradicional prevalecesse. O grande problema, segundo o autor, era o descontentamento com o *status* social que lhe era destinado, ficando vulnerável diante dos agitadores socialistas que inflavam o instinto, o prazer, o senso de satisfação do operário em sua existência pequena, que o tornava invejoso e fomentava a vingança. Para Nietzsche, a ameaça à alta cultura (filosofia, arte, literatura e ciência) vem diretamente das exigências insaciáveis e da ideologia da “massa medíocre”.

É importante salientar que os pensamentos de Nietzsche e Tocqueville eram muito comuns nos Séculos XIX e XX. Para a maioria dos autores aristocráticos o poder deveria ficar sempre nas mãos da minoria. J. S. Mill, citado por Swingewood²⁸, foi o primeiro crítico democrático, porém, compactuava com a idéia de que o poder deveria ficar nas mãos dos “sábios”. A diferença deste teórico é que para ele as massas deveriam ser educadas e instruídas para abandonar sua apatia.

O teórico T. S. Elliot, segundo Swingewood²⁹, defendia o conceito de que a cultura era orgânica. Cada indivíduo pertencia a um grupo e uma classe específicos, portanto tinham um modo de vida. Toda sociedade tem alguma forma de cultura comum e cada cultura nacional é composta por muitas culturas locais, criando diversidade e unidade dentro do todo. Elliot defendia o conceito da cultura estática,

²⁷ SWINGEWOOD, 1978, p. 7.

²⁸ SWINGEWOOD, 1978, p. 8.

²⁹ SWINGEWOOD, 1978, p. 9.

orgânica, contra as tendências “bárbaras” do estado de bem-estar e dos meios de comunicação de massa. A principal preocupação de Elliot era com a transmissão e com a proteção da herança cultural. Para ele, as famílias eram os canais mais importantes e, na visão dele, havia um forte perigo de deterioração da cultura.

Como Nietzsche, Elliot definia o capitalismo moderno como “industrialismo”, sem regulamentação, que enfraquecia os vínculos morais da cultura tradicional. Trata-se de uma visão comum de sociedade, semelhante aos conceitos sociológicos de Émile Durkheim, abordados no capítulo anterior deste trabalho, ou seja, um estado de ausência de normas provocado pelo declínio das formas de autoridades tradicionais como a Igreja e a família. É esta crise de autoridade no capitalismo moderno, que forma o pano de fundo do desenvolvimento da teoria da sociedade de massa. Para Elliot, a transmissão da cultura passou a ser prerrogativa do Estado e não mais das famílias, para ele, isso representava a morte da cultura tradicional.

Também a crítica de F. R. Leavis, apontada por Swingewood³⁰, à sociedade de massa era nostálgica, ele pregava a volta a uma sociedade pré-industrial ideal, argumentava que o operário de fábrica moderno não trabalhava mais em um ofício que lhe exija o uso de habilidades, seu trabalho não desempenhava mais uma finalidade para a comunidade. Para Leavis, a ameaça à cultura vinha principalmente pelos meios de comunicação de massa capitalistas que visavam ao lucro. O consumo de revistas em quadrinhos, ficção barata e jornais sensacionalistas combinados com os efeitos da televisão, do cinema e do rádio, corrompiam o proletariado. Para ele “a sociedade de massa” se caracterizava como “uma sociedade relativamente confortável, semi-consciente e semi-guarneçada, em que a população se tornava passiva, indiferente e atomizada.”³¹ Foi a sociedade carente

³⁰ SWINGEWOOD, 1978, p. 10.

³¹ SWINGEWOOD, 1978, p. 12.

de valores tradicionais, como o da família, que fez com que o indivíduo ficasse à mercê de movimentos políticos irracionais como o Nazismo e o Fascismo, afirmados e apoiados pelos meios de comunicação de massa.

A ênfase na crítica do papel manipulativo dos meios de comunicação é fortemente defendida por autores da linha marxista ocidental contemporânea como C. Wright Mills, Adorno, Horkheimer, Herbert Marcuse, clássicos da Escola de Frankfurt. Eles definem a sociedade de massa com base em dois temas dominantes: a decadência de instituições socializadoras normais diante da rápida evolução tecnológica e a “reificação” da cultura, ou seja, a fragmentação do exercício das atividades, a falta de visão do todo que enfraquece a autonomia dos indivíduos. Para os teóricos da Escola de Frankfurt o capitalismo é responsável pelo enfraquecimento de instituições sociais, econômicas e políticas dando espaço para uma cultura urbana fragmentada e vulnerável, o que resulta em um indivíduo isolado, fraco e alienado, presa fácil da política totalitarista. Tal pessimismo dos autores era reflexo do período que em viviam, nos anos 30, período em que regimes como o Fascismo e o Nazismo estavam em ascensão na Europa.

2.2 A Teoria da Sociedade de Massa: Fase do Pluralismo

Segundo Swingwood³², o pensamento de Edward Shills contrasta com o pessimismo da Escola de Frankfurt, sua teoria progressista revolucionária da sociedade de massa louvava uma maior iniciativa, liberdade e desenvolvimento humanos resultado da industrialização e da tecnologia. Na visão dele, a democracia política, em vez de ser ameaçada por esses processos, ficava fortalecida pela

³² SWINGWOOD, 1978, p. 18.

ampliação das bases sociais do pluralismo político. O autor enfatizava a força e não a fraqueza da sociedade civil. Uma pluralidade de grupos independentes fortalecia a democracia e a liberdade.

A teoria do pluralismo estabeleceu o conceito de sociedade moderna com base em um equilíbrio das forças de grupos sociais independentes que exerciam controle democrático por meio do acesso às elites principais. Na sociedade pluralista, a vida social era fortalecida e não empobrecida, pois a vasta população tinha acesso, pela primeira vez, a uma cultura de massa democrática. No passado, quase toda população era analfabeta, apenas uma parcela mínima participava das atividades culturais da sociedade.

Também na teoria do pluralismo, havia uma visão excessivamente romântica que ignorava o potencial dos sindicatos, das instituições educacionais e dos partidos políticos da classe operária. Uma elevação no padrão cultural criou condições para o alto consumo, em vez de criar uma cultura homogênea. O capitalismo de consumo gerou uma cultura estratificada com diferentes níveis de gostos, audiência e consumidores. Portanto, a sociedade de massa é resultado do pluralismo e da democracia.

No conceito evolucionista progressista do capitalismo industrial moderno, a integração social acontece naturalmente dentro da estrutura social, em que a sociedade de massa é composta por pessoas que participam, em maior ou menor grau, da vida comum. A teoria evolucionista progressista compartilha com a Escola de Frankfurt uma rejeição à sociedade capitalista como classe social e ao modo de produção no qual as relações sociais são estabelecidas a partir da exploração e da desigualdade de poder e riqueza.

A teoria da sociedade pós-industrial não nega a ênfase de uma sociedade voltada ao consumo, na existência de miséria e pobreza urbana, mas explica esta característica como uma tendência involuntária e disfuncional do processo de industrialização. E não atribui o processo à crise de poder de instituições de autoridades legítimas conforme Elliot e Leavis.

Na teoria pluralista há uma visão em que os meios de comunicação de massa fortalecem uma cultura comum e democrática que reforça as instituições e o processo democrático.

2.3 A Indústria Cultural Segundo Theodor Adorno

O texto a seguir teve como base teórica a tradução de dois textos clássicos de Theodor Adorno apresentado em uma conferência radiofônica proferida em 1962 na Alemanha e publicado no Livro de Gabriel Cohn³³. É importante fazer essa observação, pois Adorno é a principal referência quando se trata do tema Indústria Cultural.

O termo “indústria cultural” provavelmente foi citado pela primeira vez no livro “A Dialética do Esclarecimento”, escrito por Theodor Adorno e Max Horkheimer, publicado em 1947, em Amsterdã. Segundo Gabriel Cohn, nos primeiros esboços o termo utilizado era “cultura de massa”, mas logo foi substituído por “indústria cultural”, pois cultura de massa refere-se a uma cultura que nasce espontaneamente das próprias massas, uma expressão de arte popular que emerge em todas as instâncias e canais a partir da mudança da estrutura econômica e política. Sendo

³³ COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. p. 287.

assim, o significado dessa expressão distingue-se radicalmente do significado de “indústria cultural”.

A indústria cultural, segundo o autor, engloba elementos da cultura popular e lhes atribui novas qualidades, seguindo um plano que determina o consumo de alguns produtos (mercadorias) para atender a demanda de um ramo. Ou seja, na indústria cultural, o consumo é determinado a partir da concentração econômica e administrativa. Segundo Cohn, a indústria cultural força a união de domínios separados há milênios, a arte superior e a arte inferior, com prejuízo para as duas. A arte superior sente-se especulada e frustrada na sua seriedade e a arte inferior perde através da domesticação civilizadora, que lhe rouba o caráter espontâneo. O processo da indústria cultural mexe com a consciência e com a inconsciência de milhões de pessoas, colocando a massa em plano secundário, como elemento de cálculo e acessório da máquina na sociedade do consumo. O consumidor é objeto da máquina de consumo.

O termo “mass media”³⁴ surge neste período para designar e desviar a atenção da indústria cultural, colocando as massas e as técnicas de comunicação em primeiro lugar, quando na verdade ambas são manipuladas e infladas pela máquina do consumo. As mercadorias culturais da indústria são orientadas não segundo seu conteúdo, mas segundo a motivação do lucro imediato. A autonomia das obras de arte, que na verdade nunca existiu de forma pura, se vê totalmente excluída da indústria cultural. A cultura sempre existiu de acordo com o seu próprio sentido, obedecendo ao indivíduo e protestando contra as condições não adequadas. Agora passa a ser assimilada mecanicamente pela população, integrando-se ao processo da indústria cultural. A expressão indústria cultural é

³⁴ COHN, 1987, p. 288.

assimilada nos termos de organização do trabalho nos escritórios, na similaridade com a produção verdadeiramente racionalizada do ponto de vista tecnológico, por isso seus promotores a tratam como indústria e não como arte.

Dentro das discussões levantadas por teóricos da indústria cultural, segundo Adorno, citado por Cohn³⁵, há uma corrente de pensamento que defende a importância do movimento no aspecto que democratiza a cultura, porém, em nome do papel social, questões duvidosas de qualidade, de verdade e de senso de estética não podem ser ingenuamente colocadas de lado a partir desta dita Sociologia da Comunicação. Alguns intelectuais, na visão do autor, tentam conciliar a crítica com o respeito diante do poder e apontam como inofensivos romances de folhetim, filmes de confecção, espetáculos televisionados dirigidos às famílias, publicações de horóscopo e correio sentimental. Segundo esses intelectuais, essa forma de entretenimento abranda as tensões. Entretanto, como apontam os estudos sociológicos, esse tipo de informação é pobre e com conteúdo insignificante.

O que se observa é que a defesa da indústria cultural não se restringe a um grupo de intelectuais, a própria população cai em tentação diante de uma satisfação fugaz e fecha os olhos diante das verdades pré-fabricadas. Por meio da ideologia da indústria cultural, o conformismo tomou conta da consciência. Dependência e servidão, esse é o propósito da indústria cultural, na visão de Adorno.

2.4 A Teoria da Cultura de Massa x Cultura Popular: Conceitos Clássicos

Alan Swingewood³⁶, em seu livro *O Mito da Cultura de Massa*, apresenta uma visão positiva sobre a cultura de massa, identificando-a como democrática e

³⁵ COHN, 1987, p. 291.

³⁶ SWINGEWOOD, 1978, p. 80.

pluralista que possibilita o crescimento da educação e dos valores da autonomia individual. Essa é a visão “progressista e evolucionista” que prefere o conceito de cultura popular ao de cultura de massa e é favorável à ampliação do conceito que inclui arte, literatura, música e todas as atividades ligadas ao lar e à comunidade. Essa linha de pensamento rejeita o passado perfeito e vê na cultura popular a ampliação da participação de todos os estratos sociais nas decisões políticas e sociais.

Segundo descreve o autor, a sociedade do século XIX era uma sociedade elitista, dominada pela pobreza, pela ignorância e pelo exclusivismo que privilegiava uma camada da sociedade, a chamada “alta cultura”. A distinção entre “alta” e “baixa” cultura é conceituada a partir da base material, das relações sociais e da produção. As teorias da cultura de massa com base nessas duas distinções definem a “alta cultura” pelos padrões de apreciação da literatura clássica e da arte associadas a uma elite social, contrastando com as sociedades de massa modernas que preferem a igualdade em detrimento da excelência e que atingem todas as áreas e níveis sociais.

Swingewood³⁷ cita em seu livro dois teóricos: Jack Goody e Ian Watt que argumentam a importância da democratização da cultura através da teoria da transmissão cultural. Para os críticos, o crescimento da população alfabetizada amplia a consciência crítica do indivíduo, pois um indivíduo alfabetizado tem maior consciência de si mesmo e dos outros, estabelecendo a consciência cumulativa do passado em relação ao presente. Isso, na visão dos autores amplia a visão crítica. Em uma sociedade não alfabetizada, há uma forte tendência da fusão da história

³⁷ SWINGEWOOD, 1978, p. 82.

com o mito, a tradição oral é fortemente dominada por elementos tradicionalistas que tornam quase impossível uma avaliação crítica.

A relevância das declarações ambiciosas, segundo o autor, está na ligação que é feita entre consciência e alfabetização. Nas culturas alfabetizadas o que prevalece é o registro escrito em detrimento da tradição oral. Se a escrita é fator fundamental para acumulação e recuperação crítica do conhecimento, o pré-requisito para qualquer cultura genuinamente democrática é a alfabetização generalizada. Em qualquer cultura, é necessário certo grau de alfabetização para que o indivíduo tenha participação significativa nas atividades políticas e sociais. A consciência é medida pelo conhecimento e, dentro dessa visão, a individualidade, a ação e a alfabetização são inseparáveis.

Segundo Swingewood, há de se olhar com certo cuidado as teorias apresentadas, pois a alfabetização não é pressuposto para uma sociedade mais desenvolvida, porque a rápida expansão da circulação de livros foi expressão institucional das aspirações hegemônicas da classe burguesa. É importante lembrar que já em 1750, os meios de comunicação burgueses, que cresciam na Inglaterra, estavam nas mãos de empresários capitalistas que produziam e distribuíam seus produtos com base em uma circulação em massa.

2.4.1 Cultura Popular

“A cultura é a soma total da criação humana. É tudo o que o indivíduo faz, produz, no sentido material ou não-material”. Segundo José Marques de Melo³⁸, esse conceito de Arthur Ramos, citado no seu livro, sintetiza todas as definições

³⁸ MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 185.

existentes na visão antropológica e coloca no mesmo plano as noções de cultura e sociedade, por vezes, confundindo-as e reduzindo o fenômeno à horizontalização da criação e da produção humana. Essa visão antropológica reduz a cultura a um bloco monolítico, criando a ideia de sociedade unicultural. Sob o ponto de vista do autor, essa visão contrasta com a natureza da organização social, pois esta é estratificada.

Em contrapartida a esse pensamento, um novo conceito sócio-psicológico ganha dimensão, em que a cultura é tratada como um complexo de símbolos. Edgar Morin³⁹, nesta linha de pensamento, entende que “uma cultura constitui um corpo complexo de normas e símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos e orientam as emoções”. O autor explica que há uma identificação e uma projeção que fornecem pontos de apoio para a vida prática e imaginária.

Partindo desse conceito, pode-se fazer uma análise dos “focos culturais” de naturezas diferentes como encontrados nas sociedades dinâmicas, como religião, Estado Nacional, tradição das humanidades, tradição popular, movimentos de massa, entre outros. Olhando-se para as atividades das classes, instituições e grupos diferentes, é introduzido o conceito de “sociedades policulturais”. Assim, juntamente com a cultura nacional e com a cultura religiosa, coabitam um sistema de interdependência, uma cultura clássica, uma cultura popular, uma cultura de massa etc. Isso conceitua verdadeiramente uma sociedade policultural, sistema em que uma cultura censura, controla e desagrega outras culturas. Esse sistema desmobiliza os indivíduos dentro dos estratos sociais, o que retrata o dinamismo das sociedades modernas, pois há influências de um estrato e de outro.

³⁹ MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 15.

Sob o enfoque do conceito de religiosidade, Carlos Brandão⁴⁰ questiona se a melhor maneira de se compreender a cultura popular não seria estudar a religião, pois é nessa área que ela aparece viva e multiforme e, mais do que qualquer outros setores de produção de modos sociais de vida e de símbolos, existe em estado de luta constante, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio à luta entre o profano e o sagrado, entre o “domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos”. Segundo Brandão⁴¹, a religião dá nome a tudo e torna legítimo e viável até mesmo o mais incrível dos fatos. No cotidiano, ela envolve um repertório abrangente e dá respostas essenciais, de acordo com interesses políticos, mas também, de acordo com os medos e a esperança do povo. A religião é a explicação mais usual e a mais acreditada, qualquer olhar que se faça para as formas populares de cultura e de modos subalternos de vida, seja em qual for a esfera, há de se observar a presença dos valores do sagrado.

Segundo José Marques de Melo⁴², o que proporciona a relação interdependente entre várias culturas dentro de uma sociedade é o fenômeno da comunicação. Os grupos não estão fechados em si, mas intercomunicam-se apesar de terem simbolismos diferentes, compartilham um campo de experiência comum que permite a troca de experiências e vivências das culturas originárias. Essa mistura de elementos diferentes é que dinamiza toda a estrutura da sociedade. O exemplo usado pelo autor ilustra bem esse conceito: um indivíduo participa de seu culto religioso (cultura religiosa), comparece a cerimônia cívica em homenagem a um personagem da história nacional (cultura nacional), vai ao teatro assistir a um

⁴⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo. Brasiliense, 1980. p. 15.

⁴¹ BRANDÃO, 1980, p. 15.

⁴² MELO, 1998, p. 186.

concerto de Bach (cultura clássica), assiste a uma partida de futebol (cultura popular) e assiste à novela das 9h (cultura de massa).

Percebe-se que, em todo o mecanismo de evolução de uma cultura, a comunicação tem papel fundamental. É por meio dela que as gerações transmitem seu acervo de experiências, símbolos, normas e mitos. É pela comunicação que acontece a transmissão de conhecimento dentro da mesma geração, como as inovações diárias, as descobertas tecnológicas que vão determinando a evolução da sociedade. Segundo o autor, é a comunicação que assegura efetivamente a sobrevivência, a continuidade, a transformação e o desenvolvimento da sociedade.

Sob o enfoque sociológico, a cultura clássica e a cultura popular se encontram em pólos opostos. A cultura clássica é a cultura própria das elites que detêm o poder na sociedade, melhor dizendo, das classes dominantes. Já a cultura popular é constituída de símbolos primitivos e rústicos que denotam um estágio intelectual menos desenvolvido. Essas duas culturas existiam simultaneamente na mesma sociedade e, até pouco tempo atrás, pouco ou nada se comunicavam. O que passou a ser observado é que está havendo uma influência simbólica de uma na outra, sem alteração significativa do contexto próprio. Um exemplo que ilustra essa afirmação é o uso de música clássica nos telefones celulares. Atualmente, nota-se uma queda das barreiras entre cultura popular e cultura clássica em consequência do fenômeno dos meios de comunicação coletivos. O impacto causado pelo rádio, televisão, cinema, imprensa somado ao avanço tecnológico provocou uma revolução no panorama cultural, fazendo surgir uma nova cultura: a cultura de massas.

2.4.2 Cultura de Massa

A cultura clássica e a cultura popular são frutos da sociedade artesanal, já a cultura de massa é um produto típico da sociedade pós-industrial. Tanto a cultura clássica como a cultura popular são espontâneas e nasceram das atividades produtivas, a primeira da elite e a segunda do povo. Para Edgar Morin⁴³, a cultura de massa é “o produto de uma dialética produção-consumo”, pois ela é resultado do contexto da indústria cultural.

Sob o enfoque da Comunicação, segundo Melo⁴⁴, a cultura das massas constitui um elo entre a cultura clássica e a cultura popular, não que seja uma cultura intermediária. A cultura de massa aparece com o caráter superior por apresentar características universalistas, ao passo que as outras duas são de natureza local e regional, portanto, geograficamente inferiores. A cultura das massas funciona como um veículo de interação entre a cultura clássica e a cultura popular, estimula o intercâmbio, favorece a troca de códigos e elementos míticos e os redistribui sob novo formato.

A cultura de massa universaliza imagens locais da cultura popular como o western, samba, jazz, mambo, futebol, carnaval e ao mesmo tempo vulgariza acervos artísticos da cultura clássica como a música, por exemplo. A indústria do rádio e do disco e a Internet popularizaram Beethoven, Strauss, Schubert. As máquinas de impressão offset e digital reproduzem milhares de cópias de Renoir, Portinari, Manet. Os livros de bolso colocam no supermercado obras como a de Tolstoi. E o cinema de Hollywood leva as emoções dos clássicos a todos os cantos do planeta. Enquanto isso, as televisões, os jornais e a Internet transmitem

⁴³ MORIN, 2005, p. 22.

⁴⁴ MELO, 1998, p. 190.

instantaneamente experiências científicas decisivas para toda a humanidade como a descoberta de um novo planeta no sistema solar, a cura de uma enfermidade, o uso de células troncos. O resultado de tudo isso é que a cultura de massa provocou uma reviravolta completa nos valores culturais e resultou em uma aceleração no processo evolutivo da humanidade.

Enquanto essa revolução cultural acontece, algumas reflexões referentes ao seu resultando são feitas. Edgar Morin⁴⁵, por exemplo, questiona: “A cultura das massas é imposta do exterior ao público (e lhe fabrica pseudo-necessidades, pseudo-interesses) ou reflete as necessidades do público?”. Para o autor, o verdadeiro problema é o da dialética entre o sistema de produção cultural e as necessidades culturais dos consumidores, porém o autor conclui o capítulo de sua obra deixando em aberto a resposta para seu questionamento.

Para Umberto Eco⁴⁶, alguns teóricos se apressaram em realçar os pontos negativos da Cultura de Massa e, segundo ele, a primeira manifestação crítica foi a de Nietzsche, com a identificação da “Enfermidade Histórica” e a desconfiança do autor que, do alto da sua posição aristocrática, não via com bons olhos a ascensão democrática das multidões e que, como resultado, olhava para a cultura de massa com total desprezo.

2.5 Os Meios de Comunicação de Massa (MCM)

Os meios de comunicação de massa são empresas com uma organização sistemática, que possuem funcionários, obedecem a uma legislação própria do

⁴⁵ MORIN, 2005, p. 47.

⁴⁶ ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo. Perspectiva, 1993. p. 36.

governo federal e, principalmente, são comerciais e visam lucros. São ditos meios de comunicação de massa os jornais, revistas, rádios, televisão e painéis externos.⁴⁷

Alguns estudos sobre a mídia de massa que estiveram presentes ao longo do século XX serão abordados para exemplificar o funcionamento do paradigma da sociedade de massa. Serão apresentadas quatro teorias: teoria hipodérmica, crítica, espiral do silêncio e *agenda setting*.

2.5.1 Teoria Hipodérmica

A teoria hipodérmica⁴⁸, conhecida também como teoria da seringa ou “bullet theory”, coloca em evidência, de um lado, os meios de comunicação de massa onipotentes e, de outro, o indivíduo vulnerável. O termo hipodérmico demonstra como o público é comparado aos tecidos do corpo humano quando atingidos por uma substância, no caso a informação, todo o corpo social é atingido. O termo “bullet theory” ou “teoria bala” trata do conceito de acertar o alvo, nesse caso o alvo é o público e a bala são as informações passadas pelos MCM. Essa visão é ancorada na crítica da sociedade moderna, que olha para o indivíduo e o enxerga como um ser vulnerável e “vazio”. Vazio este deixado pela perda dos seus vínculos primários, como a família, a igreja e a escola.

A força dos meios de comunicação, segundo a teoria hipodérmica, é ancorada pelo rompimento do tecido social, colocando o indivíduo como um ser totalmente desprovido de pensamento crítico, reduzindo-o a um comportamento e a uma relação de estímulo-resposta, com resultado inevitável e instantâneo. Assim

⁴⁷ SANT’ANA, Armando. **Propaganda: teoria, técnica e prática**. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

⁴⁸ HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 107.

sendo, o comportamento humano está totalmente desprovido de atitudes, valores e motivações ficando vulnerável a ações externas. Neste momento, entram em cena os meios de comunicação que preenchem o vazio deixado pelas instituições tradicionais e que passam a ditar o comportamento.

Essa teoria fundamenta-se nos conceitos da sociedade moderna na fase do totalitarismo, conforme foi visto no capítulo anterior, momento em que há uma corrente de pensadores que sustenta a falência das sociedades primitivas (família, escola e igreja), deixando espaço para atuação dos MCM. Essa é uma visão simplista que não deixa espaço para o estudo do resultado do estímulo dos meios de comunicação social, visto que, a partir dessa base, os efeitos são dados como certos, sem necessidade de questionamento.

2.5.2 Teoria Crítica da Sociedade

A Teoria Crítica⁴⁹ olha para a sociedade de massa sob a perspectiva do desenvolvimento da razão dividida em razão emancipadora e instrumental. A razão emancipadora é resgatada a partir da visão iluminista, que gera luz e liberdade para o ser humano. A razão instrumental é forjada dentro da sociedade moderna denominada pelos teóricos da Escola de Frankfurt. Segundo Adorno, citado anteriormente por Cohn, o ataque deve ser feito a partir da raiz da sociedade moderna, que levou ao desvio da razão emancipadora fazendo-a transformar-se em um instrumento do “sistema”. Sob essa ótica, a razão deixou de ser crítica e passou a ser uma técnica para administrar o *status quo*.

⁴⁹ HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2005, p. 109.

Segundo o autor, a Indústria Cultural é constituída essencialmente pelos meios de comunicação de massa e faz parte do desenvolvimento da razão degenerada, sendo um dos principais pilares que contribui para a funcionalidade da sociedade. A Indústria cultural é vista como uma engrenagem que harmoniza todos os setores da sociedade, reproduzindo e assumindo o poder econômico daqueles que já dominam a sociedade. Isso gera uma racionalidade técnica do próprio domínio, ou seja, a sociedade se autoaliena.

Novamente olha-se sob o prisma da supremacia da sociedade sobre o indivíduo em diversos âmbitos como trabalho e lazer gerando uma atrofia na imaginação e na espontaneidade do consumidor cultural. Nesse processo, a teoria crítica elimina a possibilidade de o indivíduo consumir a cultura de uma maneira mais crítica e contestatória. Há uma adesão sem nenhuma reação por parte do ser humano, as características da indústria cultural e de seus produtos são transportadas para as características dos indivíduos.

2.5.3 A Agenda *Setting* e a Espiral do Silêncio

A agenda setting e a espiral do silêncio⁵⁰, segundo os autores citados, trabalham na perspectiva do poder dos meios de comunicação de massa sobre o indivíduo. Na agenda setting os temas e assuntos são determinados pelos temas midiáticos que se tornam a conversa do dia-a-dia dos indivíduos. Ou seja, os assuntos cotidianos são estabelecidos pelos meios de comunicação. A agenda setting constrói suas hipóteses na afirmação de que a influência não reside na maneira como os MCM fazem o público pensar, mas no que eles fazem o público

⁵⁰ HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2005, p. 111.

pensar. Se, na teoria crítica, era ressaltada a forma como os indivíduos eram influenciados a pensar, agora os MCM são vistos como “agendadores” dos assuntos sobre os quais irão pensar.

A imposição do agendamento é feita sob dois aspectos: primeiro existe a tematização que é proposta pelo MCM, como a pauta do dia, que se tornará o tema da agenda do público. O que for dito nos meios de comunicação será o objeto de conversa entre os públicos. Olhando de uma forma mais aprofundada pode-se ver que há também a determinação da hierarquia dos temas. Os temas mais relevantes para a agenda midiática serão os temas mais importantes para os públicos. Existe uma relação direta efetuada pela ordem do dia e pela hierarquização do tema.

Já a espiral do silêncio compreende a exclusão dos indivíduos que têm opiniões diferentes das veiculados na *mass media*. Eles são enclausurados no silêncio. Normalmente os indivíduos fogem do isolamento associando-se a opiniões dominantes. Se a defesa do ponto de vista minoritário for contra a maioria, os indivíduos tenderão a recolher-se ao silêncio. Os indivíduos são vulneráveis perante a ação dos MCM.

Segundo Elisabeth Noelle-Neumann, autora francesa, citada na obra de Hohlfeldt, Martino e França⁵¹, autora do livro a “A espiral do silêncio e a teoria da opinião pública”, entre o indivíduo e os MCM encontram-se os grupos sociais que podem punir a discordância no que diz respeito às opiniões dominantes. A partir desse conceito, forma-se a opinião pública, na qual o indivíduo pode apoiar-se para expressar sua opinião pessoal. A opinião individual passa pelo crivo das opiniões do ambiente social, se houver uma validação do grupo social, o indivíduo pode

⁵¹ HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2005, p. 113.

manifestar-se sem medo de sanções, caso contrário, ele retrai-se no silêncio para não ser isolado da comunidade.

Com a exposição das quatro teorias, buscou-se evidenciar os pontos críticos evidenciados na sociedade de massa. Todas as teorias foram analisadas e criticadas ao longo de muitas décadas, mas o certo é que sempre se evidenciam os feitos dominantes da sociedade de massa, onde os indivíduos são colocados como atomizados, alienados e presos em seu isolamento. Porém, há correntes de pensamento que lembram que a sociedade de massa é feita pelos homens e que, cada vez, mais surgem alternativas que tiram o indivíduo da clausura e do silêncio.

2.6 A Realidade Brasileira dos Meios de Comunicação de Massa

Após percorrer o contexto histórico da sociedade de massa, desde os tempos da aristocracia rural, da ascensão da burguesia até os dias de hoje, passa-se agora ao contexto brasileiro, espaço onde está inserida esta pesquisa.

2.6.1 O Contexto Histórico da Sociedade de Massa no Brasil

No Brasil, os anos 40 e 50 foram considerados insignificantes em se tratando de sociedade de consumo. Já as décadas de 60 e 70 foram marcadas pela consolidação de bens culturais⁵². A televisão passou a ser uma realidade como veículo de comunicação de massa em meados dos anos 60, enquanto o cinema nacional se estruturou como indústria nos anos 70. Também nessa época, outras esferas da cultura popular de massa começaram a ter destaque como a indústria do

⁵² ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 113.

disco, a indústria editorial e a publicidade. Segundo Renato Ortiz, na obra citada, esse processo estava profundamente ligado às transformações estruturais por que passava a sociedade brasileira. Com o golpe militar de 1964, a realidade do Estado Militar passou a ter dois sentidos: por um lado ficou definida a dimensão política e, por outro, a mudança no nível da economia, que aprofundava as medidas econômicas tomadas no governo de Juscelino, às quais os economistas se referem como a segunda revolução industrial no Brasil. O ano de 1964 foi o ano da reorganização econômica do Brasil, processo em que fez parte a internacionalização do capital.

Essa nova realidade econômica refletiu imediatamente nas atividades culturais que cresceram sob o controle do pensamento autoritário. É nesse ponto que se diferencia o desenvolvimento de um mercado de bens materiais e um mercado de bens culturais. Este último trabalha com a dimensão simbólica que aponta para problemas ideológicos, expressa uma aspiração, uma conotação política no próprio produto veiculado. Por isso, nessa época, essa área teve tratamento diferenciado por parte do Estado, pois a cultura poderia expressar valores contrários à vontade política de quem estava no poder. É importante ressaltar que a censura tinha dois lados: um repressivo e outro disciplinador. O primeiro era negativo e o outro era mais complexo, afirma e incentiva uma determinada postura.

Durante o período que vai do ano de 1964 até os anos de 1980, a censura não se definia apenas pelo veto de algumas expressões culturais, ela era seletiva e impossibilitava a manifestação de determinados pensamentos e obras artísticas, como peças teatrais, filmes e livros. A censura atingia algumas obras, não a generalidade da sua produção. O movimento cultural pós-64 se caracterizava por

duas vertentes, segundo Ortiz⁵³: de um lado se definia a repressão ideológica e política, por outro lado era o momento na história em que mais se produziam e difundiam bens culturais. Isso devido ao fato de o Estado autoritário ser promotor do desenvolvimento capitalista de uma forma muito avançada. Para entender a dimensão estrutural do mercado de bens culturais é importante citar a base de raciocínio da “Ideologia da Segurança Nacional” que é o fundamento do pensamento militar em relação à sociedade. Conforme Ortiz explica em seu livro, o Estado é uma entidade política que tem a faculdade de impor, inclusive pelo emprego da força, as normas de conduta que devem ser obedecidas por todos. Trata-se do Estado como centro de todas as atividades sociais relevantes em termos políticos. Vem daí a preocupação com a questão da “integração nacional”. Como a sociedade é formada por diferentes partes, é necessário pensar em uma instância que integre a diversidade social. De certa forma, o que a ideologia da segurança nacional se propõe a fazer é substituir o papel que as religiões desempenhavam nas sociedades tradicionais.

Nas sociedades tradicionais, o universo religioso organizava os diferentes níveis sociais, fazendo despertar o sentimento de solidariedade entre as partes integrantes de um meio social, assegurando a realização de determinados objetivos. É devido a isso que, em todos os documentos militares, as ideias sempre giram em torno de solidariedade e objetivos nacionais. O objetivo nesse caso, é a integridade da nação, garantida com discurso repressivo que elimina as disfunções, ou seja, as práticas dissidentes em torno de um bem comum e desejável por todos. Sabe-se que a cultura envolve uma relação de poder, que pode ser maléfica nas mãos de dissidentes, mas benéfica quando aliada ao poder autoritário. É a partir dessa

⁵³ ORTIZ, 1989, p. 114.

constatação que o Estado começa a atuar junto às esferas culturais. É a partir daí que são criadas instituições como: Conselho Federal da Cultura, Instituto Nacional do Cinema, EMBRAFILME, FUNARTE, Pró-Memória etc. Outro fator decisivo para o período é o reconhecimento da importância dos meios de comunicação de massa na sua capacidade de difundir ideias, de se comunicar diretamente com as massas e, sobretudo, de criar a “comoção nacional”, que a é a mobilização de estados nacionais coletivos. Com relação a isso, consta no manual militar a seguinte frase: “bem utilizado pelas elites constituir-se-ão em fator muito importante para o aprimoramento dos componentes da Expressão Política: utilizados tendenciosamente podem gerar e incrementar o inconformismo⁵⁴”. Portanto o Estado deve ser mediador das atividades culturais.

Comparando a ditadura militar do Estado Novo é possível compreender melhor algumas analogias e diferenças que esclarecem o papel do Estado em relação à cultura. Nos dois períodos de 1937 e 1964 o que define o panorama político é a visão autoritária que se reflete na cultura pela censura e pelo incentivo de determinadas ações culturais. Na era Vargas é criada uma série de instituições como: Instituto Nacional do Livro, Instituto Nacional do Cinema Educativo, museus, bibliotecas, além da atuação decisiva no ensino. Paralelo a isso, há o braço repressor que não deixa de se manifestar. O que diferencia os dois momentos é o quadro econômico, a relação que se estabelece com os grupos empresariais é diferente, mais insipiente. Somente na década de 60, as empresas se assumem como portadoras de um capitalismo mais saliente.

Segundo Ortiz⁵⁵, alguns cientistas políticos têm afirmado que o golpe militar de 64 não foi uma simples manifestação militar, ele representou uma forma

⁵⁴ MANUAL básico da escola superior de guerra. Departamento de Estudos MB-75, ESG, 1975. In: ORTIZ, Renato. **A tradição brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 121.

⁵⁵ ORTIZ, 1989, p. 117.

autoritária do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Para o autor, os empresários da área cultural não escapam à regra. É a partir de 1966 que é dado real incentivo à fabricação de papel, com a facilitação da importação de novos maquinários para edição. Isso denota uma clara proximidade do regime militar com o setor empresarial do livro. Porém, é através da televisão que se observa a colaboração do regime militar na expansão de grupos privados de comunicação. Em 1965 é criada a EMBRATEL, período em que é iniciada uma política de modernização do setor de telecomunicações, neste ano ainda, o Brasil se associa ao sistema internacional de satélite (Intensat) e, em 1967, é criado o Ministério das Comunicações. Nesse mesmo período, tem início a construção de um sistema de microondas que será inaugurado em 1968, permitindo a interligação de todo o território nacional. Estava formado o sistema de rede, condição essencial para o funcionamento da indústria cultural.

Pelos fatos históricos é possível observar que, no Brasil, todo aporte tecnológico para a existência de uma cultura de massa é resultado de investimento do Estado. É importante salientar a importância do Regime Militar nos campos das telecomunicações como forma de assegurar a ideologia da Segurança Nacional. Toda evolução do sistema de comunicação do Brasil foi impulsionada pela ideia da “integração nacional” e, como o Estado privilegiava a área econômica, quem lucrou com esse investimento foram principalmente os grupos televisivos. A noção de integração nacional une os interesses dos empresários e dos militares, embora com focos diferentes. Os militares visavam à unificação política das consciências, e os empresários tinham como objetivo a integração do mercado. Os discursos dos grandes empreendedores da comunicação sempre aliavam seus argumentos de desenvolvimento de mercado à integração nacional. Sob esse aspecto, pode-se

entender melhor a questão da censura: a ideologia da segurança nacional é “moralista”, no sentido amplo de costumes e políticas, e o interesse dos empresários da cultura é mercadológico. O ato da censura irá incidir sobre a especificidade do produto e não do canal de comunicação em si. É preciso levar em conta que a indústria cultural pressupõe a despolitização dos conteúdos, encontra-se aí uma coincidência de objetivos.

O grande conflito começou quando a ação da censura começou a ser excessivamente rigorosa, abalando a liberdade de expressão e impossibilitando os artistas e intelectuais de formularem uma visão pessoal da temática que abordavam em seus trabalhos. Em 1972, no I Congresso Brasileiro da Indústria Cinematográfica foram feitas uma crítica e uma solicitação de reformulação dos critérios da censura, pois esta não estava acompanhando a evolução dos costumes e estava excessivamente rigorosa, o que significava que sua atuação estava trazendo prejuízos materiais para o lado empresarial. Em 1973, a TV Globo e a TV Tupi assinaram um protocolo de autocensura, que controlava o conteúdo das programações das emissoras, aceitando cumprir os compromissos adquiridos anteriormente com o Estado Militar para conquistar mercado a qualquer preço. As emissoras cortaram programas ditos “popularescos”, como Chacrinha e Derci Goncalvez, porque era necessário garantir o pacto com os militares que viam, nesses tipos de programas, espetáculos degradantes para a formação do povo brasileiro⁵⁶. A divergência entre cultura e censura não se estabeleceu em termos estruturais, mas ocasionais. Há um deslocamento do problema enfrentado pela sociedade, que deixa de ser social e passa a ser econômico. Sabe-se que um sistema de comunicação forte é dependente da receita publicitária. No caso do

⁵⁶ ORTIZ, 1989, p. 120.

Brasil, o governo sempre foi um dos principais anunciantes, ou seja, mesmo que a censura não seja exercida de maneira explícita, existe a censura econômica. A censura excessiva prejudicou peças teatrais, livros, programas, filmes e foi um incômodo para a indústria cultural, mas foi o preço a ser pago pelo fato do pólo militar ter sido a mola propulsora do desenvolvimento econômico das empresas de comunicação.

A consolidação da indústria cultural deu-se efetivamente com o desenvolvimento da televisão⁵⁷. Nos anos 50, o circuito televisivo era local e com muitos problemas técnicos. Com o investimento do Estado nas áreas das telecomunicações, os grupos privados puderam consolidar seus objetivos de integração do mercado nacional, todos os consumidores potenciais, ou não, foram integrados em uma economia de mercado. Alguns dados validam e mostram a dimensão do crescimento desse meio no Brasil: em 1970 existiam 4 milhões de domicílios com aparelhos de TV, ou seja, 56% da população era atingida pelo meio. Na década de 80, o número passou para 15 milhões, o que correspondia a 73% do total de domicílios existentes⁵⁸. Atualmente a televisão está presente em 44 milhões de domicílios, o que significa 90% de penetração nos lares⁵⁹. Isso significa a consolidação do meio entre a população brasileira.

⁵⁷ ORTIZ, 1989, p. 128.

⁵⁸ ORTIZ, 1989, p. 130.

⁵⁹ GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO. **Mídia dados 2005**. São Paulo, 2005. p. 150.

2.6.2 O Contexto Histórico do Rádio na Sociedade Brasileira de Massa

Ao estudar o desenvolvimento da mídia de massa no Brasil, principalmente o desenvolvimento da mídia eletrônica, ficam evidentes duas tendências marcantes: a primeira, de promover os bens de consumo e a segunda, de legitimar a ideologia dos grupos dominantes. É necessário homogeneizar gostos, costumes e hábitos e para isso é preciso alcançar públicos cada vez mais distantes. Segundo Omar Oliveira, em seu livro *Genocídio Cultural*⁶⁰, isso leva a uma padronização e a uma centralização da produção dos programas, principalmente no eixo Rio - São Paulo. As audiências são apenas para atender aos objetivos dos setores que comandam o poder. Dessa forma, os anseios da sociedade, as aspirações e as carências, como maiores níveis de educação e valorização das culturas regionais, não são abordadas por esses meios. A partir dessa perspectiva histórica, este capítulo parte para a abordagem do desenvolvimento do rádio no contexto brasileiro, sob a dimensão de um organismo orientado para a venda de produtos e de ideologias.

A primeira transmissão de rádio no Brasil ocorreu em 1922 e foi feita pelo presidente Epitácio Pessoa. Ele foi ouvido por poucas pessoas no Rio de Janeiro e em São Paulo em uma comemoração ao centenário da Independência do Brasil e, na mesma noite, a ópera “O Guarani” foi transmitida ao vivo. A invenção da transmissão radiofônica inaugurou uma nova era na sociedade, a Era do Rádio. No Brasil, ela chegou junto com a Semana de Arte Moderna e encontrou ambiente favorável e um cenário propício, o centenário da Independência.⁶¹. No entanto, foi só em 20 de abril do ano seguinte que a primeira emissora de rádio foi instalada no

⁶⁰ OLIVEIRA, Omar S. **Genocídio cultural**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 111.

⁶¹ HARTMANN, Jorge; MUELLER, Néelson (Org.). **A comunicação pelo microfone**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 16.

país, tratava-se da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgar Roquete Pinto e Henry Morize. Foi aí que surgiu o conceito de “rádio sociedade” ou “rádio clube”, na qual os ouvintes eram associados e contribuía com mensalidades para a manutenção da emissora.

Foi em 1927 que o Rádio começou a se expandir apelando para a comercialização de mensagens publicitárias. Muito tímido, um tanto na base da boa vontade e da colaboração, pois o comércio não acreditava no novo veículo de comunicação. O consenso era que de o rádio divertia, distraía e podia até educar, mas não vender. No entanto, o grande atrativo, tanto no Rio como em São Paulo, foi o fato de começar a ser atração popular. No início dos anos 30, o Brasil tinha 29 emissoras de rádio, transmitindo óperas musicais e textos instrutivos e, em 1932, Getúlio Vargas autorizava a publicidade em rádio. Um dos maiores acontecimentos na história do Rádio no Brasil foi a criação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1936⁶², que, apesar de ser propriedade do governo, era inteiramente bancada pela propaganda comercial. A emissora tornou-se tão popular que foi necessário criar um departamento para distribuir os milhares de cartas que chegavam mensalmente aos artistas. Em um concurso realizado para escolher o melhor jogador de futebol, a emissora recebeu 19 milhões de votos.

De 1934 a 1954, o rádio brasileiro viveu seu período áureo. Com o crescimento do número de emissoras, se estabeleceu uma competição pela audiência em função da verba publicitária, pois o número de anunciantes e conseqüentemente o lucro vinham em decorrência do número de ouvintes. Com a descoberta do potencial de venda do rádio, as empresas nacionais e estrangeiras começaram a investir cada vez mais. O novo meio de comunicação demonstrou que

⁶² OLIVEIRA, 1991, p. 113.

era competente tanto para vender bens de consumo, como para mobilizar a população, incentivando maiores níveis de envolvimento na vida nacional. O rádio passou a ser um organismo essencial na difusão da mentalidade desenvolvimentista que começava a tomar corpo.⁶³ O meio era muito propício, pois a maioria da população era ainda analfabeta, habitava no campo e não tinha acesso a outros meios de comunicação.

Com o advento do transmissor, em 1950, a popularidade do rádio aumentou muito. Os radinhos de pilha se espalham por toda parte, foi uma mudança providencial para o meio rádio, pois nessa época a televisão começou a se estabelecer no Brasil. Foi somente na década de 1960 que o rádio sentiu os efeitos da televisão na sua popularidade, porém soube adaptar-se ao novo ambiente de mídia. O Rádio passou por outro momento importante na década de 1970, com a popularização das emissoras FM, devido à expansão do mercado de receptores FM. As emissoras FM demonstraram versatilidade, com possibilidades de atingir diversos segmentos de públicos.

Atualmente no Brasil existem 3.668 emissoras de Rádio Comercial, 1.681 de Ondas Médias e 1.987 emissoras de frequência modulada. Existem doze redes nacionais de rádio. São 45.500 domicílios no Brasil em que o rádio está presente. Sendo que o horário de maior audiência de rádio é no período da manhã, das 08h ao meio dia, tendo uma participação de 63% nas classes CDE com 77% da audiência na faixa etária acima de 20 anos⁶⁴.

⁶³ OLIVEIRA, 1991, p. 116.

⁶⁴ GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO, 2005, p. 228.

2.7 Meios de Comunicação Alternativos

O desenvolvimento da mídia eletrônica seguiu o modelo comercial norte-americano. As multinacionais estiveram sempre envolvidas diretamente no processo, desde a instalação das primeiras torres de radiodifusão até o estabelecimento de poderosas redes de tele difusão. Segundo Oliveira⁶⁵, as empresas nacionais e principalmente as estrangeiras dão suporte financeiro às emissoras de rádio e televisão. A influência das multinacionais na estrutura do sistema perde, talvez, apenas para o governo federal. Esses dois agentes vêm dominando o rádio e a televisão há mais de 80 anos e parece que a orientação mercadológica no sentido da exploração comercial deve prevalecer.

Os canais utilizados pela iniciativa privada e pelo governo para atingir as massas são a televisão e o rádio e por isso o apoio financeiro para o contínuo crescimento desses meios deve permanecer. Da mesma forma, os centros industrializados devem prosseguir monopolizando a produção e utilizando modernas tecnologias. Como consequência, a centralização e a homogeneização de programas prevalecerão, e os conteúdos que refletem as realidades regionais, focalizando as necessidades dos telespectadores ou radiouvintes, ficarão adiados para um futuro mais distante.

A globalização dos meios de comunicação efetivamente silencia a cultura local e reduz o espaço para as manifestações culturais das comunidades locais. Segundo Dóris Haussen⁶⁶, o povo se autodefine como “seres para si mesmos” e força a todos a adotar um papel de “seres para os outros”. Isso cria uma condição de silêncio que torna impossível o desenvolvimento local. Contra essa condição, o povo

⁶⁵ OLIVEIRA, 1991, p. 143.

⁶⁶ HAUSSEN, Dóris Fagundes (Org.). **Sistemas de comunicação e identidade na América Latina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 13.

só tem a si mesmo para se mobilizar e se revoltar. Não pode confiar nos estados e mercados para adquirir poder. Os estados e os mercados provaram sua inabilidade em prover informação que seja confiável e diversificada, os meios de comunicação dominantes “desinformam” o público, invadem sua privacidade, distorcem a realidade e se recusam a escutá-lo. Ainda segundo Haussen, a sociedade civil não se constitui somente de direitos para seus cidadãos, se constitui também de deveres, o dever de se revoltar contra a cultura do silêncio, abrindo espaço para a definição autônoma de “quem somos nós”.⁶⁷

2.7.1 A Comunicação Popular

Contra a cultura do silêncio, o povo encontrou uma alternativa nos meios de comunicação populares como forma de expressão do “quem somos nós”. Falar de comunicação popular nos remete imediatamente à comunicação com o povo. Apesar da definição do “popular” abranger muitos significados diferentes, como foi visto anteriormente, é necessário partir da definição de “povo” para entender realmente o que significa popular dentro do conceito de comunicação.⁶⁸

Para Joana Puntel⁶⁹, “povo são os que têm consciência de serem sem poder e que desejam obter o controle de suas vidas e circunstâncias”, representa os oprimidos não importando a que grupo pertençam. Já para Cicília Peruzzo⁷⁰, há inúmeras definições e abordagens do que se entende por povo. “No entanto, a

⁶⁷ HAUSSEN, 1995, p. 14.

⁶⁸ PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 116.

⁶⁹ PUNTEL, Joana T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 194.

⁷⁰ PERUZZO, 1998, p. 116.

maioria dos estudos de comunicação popular, nas perspectivas dos movimentos sociais, parte do pressuposto de que o povo são as classes subalternas, submissas economicamente e politicamente às classes dominantes”. A autora afirma que o povo não precisa necessariamente ser composto somente da classe subalterna, há momentos que englobam quase toda a nação quando há mobilização em torno de um objetivo muito forte.

Após a definição de “Povo”, Peruzzo passa para a definição de Popular e nesse caso há três correntes em seu estudo: popular folclórico, expresso através de rituais folclóricos, como festas, danças, costumes etc.; popular massivo, que passa pela indústria cultural, pela apropriação da linguagem popular pelos meios de comunicação de massa; e popular alternativo que, segundo García Canclini⁷¹, “trata-se de uma nova maneira de pensar o popular, ligando a comunicação e a cultura. Ela ocupa-se da comunicação no contexto de organizações e movimentos sociais vinculados às classes subalternas ou, como dizem enfaticamente, da comunicação ligada à luta do povo”.

Segundo Puntel⁷², a comunicação popular não é um tipo qualquer de mídia, ela surge dentro de um movimento de base: grupos de camponeses ou trabalhadores que se comunicam entre si ou com outros grupos similares. A linguagem e os canais de comunicação surgem dentro do próprio movimento. Não se pode considerar comunicação popular o simples estabelecimento de um canal alternativo de comunicação. Para a autora, a comunicação popular não pode ser vista como algo que acontece entre emissor e receptor, mas como um processo

⁷¹ GARCÍA CANCLINI, Nestor. De qué estamos hablando cuando hablamos de lo popular? In: MARTÍN BARBERO, Jesús. **Comunicación y culturas populares em Latinoamérica**. México: Gili, 1987. p. 21, p. 37.

⁷² PUNTEL, 1994, p. 195.

participativo que se torna um símbolo de oposição ao modelo vertical e hierárquico da elite dominante.⁷³

A partir das definições de comunicação popular, a questão das rádios populares sempre é citada como um dos meios mais democráticos e de mais fácil acessibilidade, por isso não se pode falar de comunicação popular sem falar de rádio e, ao mesmo tempo, não se pode falar de rádio comunitária sem antes passar pelas definições de Povo e de Popular.

2.7.2 Rádios Populares

O ponto de partida das rádios populares sempre foram as necessidades e interesses da comunidade local. A temática da programação normalmente era bastante variada e primava pela divulgação de valores culturais e artísticos.

Para a pesquisadora argentina Cristina Mata María⁷⁴, a denominação “rádio popular” indica que são os setores populares os que ocupam um lugar central como sujeito, fonte e destino de sua ação. São rádios que têm um posicionamento perante um sistema econômico e social do qual são marginalizados ou excluídos, e que pretendem transformar a realidade do entorno.

As rádios populares tomaram vulto no Brasil na década de 60 quando houve um movimento da educação popular, como foi abordado no capítulo I. Paralelo às discussões sobre “cultura do vazio” e “dominação cultural”, começaram a surgir formas concretas de expressão que ampliaram e deram voz à cultura local. O berço da educação popular foram os movimentos de trabalhadores e a Igreja, e foi por

⁷³ PUNTEL, 1994, p. 197.

⁷⁴ MATA, María Cristina. Radio popular comunitária? **CHASQUI – Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 47, p. 59, 1993. p. 59.

esse caminho que tiveram início as primeiras formas de comunicação radiofônica, as formas mais primitivas do rádio popular que eram as chamadas “rádios-poste” e as “rádios alto-falantes”.

As rádios-poste eram muito utilizadas por Igrejas, associações comunitárias e clubes de bairros, assim as associações se comunicavam com a comunidade local. Esse sistema tinha como objetivo informar, entreter e, de um jeito não-formal, educar. Educação no sentido de alertar para algum processo de conscientização, como vacinação, cuidados com o consumo de água (bastante problemático nas comunidades mais carentes), entre outras soluções preventivas que ajudassem a população. A palavra de ordem e o objetivo maior eram a educação por meio da conscientização.

As rádios alto-falantes, também tinham o objetivo de conscientizar, porém esse sistema era mais usado para avisar, alertar a população ou, ainda, mobilizá-la em torno de algum tema. Normalmente eram usados com três finalidades: uso comercial, ainda hoje utilizado em cidades pequenas para anunciar produtos ou estabelecimentos comerciais; uso político, muito usado nas épocas eleitorais; e uso religioso, como instrumento das pastorais. Com o passar do tempo, essa forma de comunicação cresceu e por volta da década de 70 houve uma avalanche das chamadas “rádios livres”, classificadas dentro do sistema de radiodifusão como “piratas”. O período político dessa época era crítico, os meios de comunicação de massa estavam comprometidos com interesses de grandes grupos e a concessão de canais estava nas mãos do poder executivo federal, como continua até hoje.

No princípio as rádios livres estavam nas mãos dos jovens. O sistema de transmissão de ondas de rádio da frequência modulada é muito simples e era um atrativo para os jovens que o usavam para transmitir suas músicas preferidas. Logo

esse sistema de rádio passou a ser usado por grupos ativistas e simpatizantes de comunidades alternativas.

Não há muitas publicações no Brasil sobre o uso desse sistema com finalidades educativas ou comunitárias. No entanto, em outros países da América Latina, há uma história bastante rica de povoados na Bolívia, na Nicarágua e no Sul da República Dominicana.

Pode-se observar que o propósito maior do sistema radiofônico popular sempre foi a educação por meio da conscientização, ou seja, fazer com que a comunidade tome consciência da realidade que a cerca. Consciência, segundo Pedrinho Guareschi e Osvaldo Biz⁷⁵, trata-se de uma busca contínua e infinita de respostas. O ser humano é o que é porque consegue refletir sobre si mesmo no eterno questionamento de “quem sou? Por que sou o que sou? Por que o mundo é assim?”. As respostas a essas perguntas formam sua consciência, com inúmeras possibilidades de ampliação. Esse é o processo da conscientização, sendo que um passo à frente pode levar à liberdade. Segundo os autores, é impossível alguém se libertar sem que tenha adquirido consciência. É verdade que o simples fato de tomar consciência não conduz à liberdade, mas é impossível o ser humano ser livre sem ter consciência. Para Paulo Freire⁷⁶, a tomada de consciência não chega a ser conscientização, é necessário o desenvolvimento crítico da tomada de consciência, ultrapassar a esfera espontânea da apreensão da realidade para chegar à esfera crítica do conhecimento, na qual o ser humano assume uma posição epistemológica. Nesse caso, quanto mais conscientização mais se “dês-vela” a realidade. A “práxis”, ou melhor, o ato de ação-reflexão, constitui a forma permanente de ser ou de

⁷⁵ GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 19.

⁷⁶ FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980. p. 26.

transformar o mundo que caracteriza o ser humano, não se pode chegar à conscientização apenas pelo esforço intelectual. A esquerda autêntica deve favorecer o ser humano na superação da falta de consciência. Os líderes revolucionários devem fazer de um projeto revolucionário uma realidade, para desenvolver a consciência crítica de uma comunidade e, para o autor, a revolução é sempre cultural e tem por finalidade última, a liberdade.

2.7.3 Rádios Comunitárias

Um dos projetos revolucionários culturais de maior expressão certamente foram as rádios populares, ou “rádios livres”, como eram chamadas, uma iniciativa que deu voz para as camadas da sociedade que se sentiam excluídas dos meios de comunicação das classes dominantes. Em 1995 aconteceu a grande mudança de legislação a partir do “Encontro Nacional de Rádios Livres” que regulamentou as “rádios piratas”. Nesse encontro ficou institucionalizado e definido que, para se configurar uma “Rádio Comunitária”, as emissoras deveriam ter gestão pública, operarem sem fins lucrativos, com programação plural e educativa. Elas se encaixariam no perfil das chamadas rádios de baixa potência.

A partir da institucionalização, surgiram muitas rádios comunitárias em todo o Brasil, porém muitas delas foram fechadas pela Anatel por não estarem de acordo com as normas exigidas ou por não conseguirem autorização para operarem. A legislação é rígida para a liberação da operação, exige uma série de documentos e o tempo de espera é bastante longo.

Pode-se observar que houve uma mudança na concepção das rádios populares para as rádios comunitárias. As rádios comunitárias continuaram com o

mesmo propósito das rádios populares, porém, passou a haver uma obrigatoriedade de estarem ligadas a uma instituição sem fins lucrativos que atue na região em que estão inseridas. Normalmente o que se tem observado é que estão ligadas a Associações de Moradores de Bairro.

Atualmente no Rio Grande do Sul existem 118 emissoras legalmente registradas e cadastradas na AGERT⁷⁷. Abaixo está a definição de Rádios Comunitárias divulgadas pela AGERT.

2.7.3.1 Radiodifusão Comunitária: o que É uma Rádio Comunitária?

O Serviço de Radiodifusão Comunitária foi criado pela Lei 9.612, de 1998, regulamentada pelo Decreto 2.615 do mesmo ano. Trata-se de radiodifusão sonora, em frequência modulada (FM), de baixa potência (25 Watts) e cobertura restrita a um raio de 1 km a partir da antena transmissora. Podem explorar esse serviço somente associações e fundações comunitárias sem fins lucrativos, com sede na localidade da prestação do serviço. As estações de rádio comunitárias devem ter uma programação pluralista, sem qualquer tipo de censura, e devem ser abertas à expressão de todos os habitantes da região atendida.

2.7.3.2 Como se Habilitar para a Prestação do Serviço de Radiodifusão Comunitária?

O primeiro passo para a habilitação de emissoras de radiodifusão comunitária é que as entidades competentes para pleitear esse serviço –

⁷⁷ ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. **Homepage**. Disponível em: <www.agert.org.br>. Acesso em: 1 out. 2008.

associações comunitárias e fundações sem fins lucrativos – façam constar em seus respectivos estatutos o objetivo de “executar o Serviço de Radiodifusão Comunitária”. Depois dessa providência, as interessadas deverão retirar da página na Internet do Ministério das Comunicações o "formulário de demonstração de interesse em instalar rádio comunitária".

Após a efetivação do cadastro da interessada junto ao Ministério das Comunicações, a partir do recebimento do "formulário de demonstração de interesse em instalar rádio comunitária", será enviado um comunicado à requerente, com o intuito de informá-la acerca do número do seu processo. A partir daí, a interessada deverá aguardar a publicação no Diário Oficial da União dos "Avisos de Habilitação", nos quais haverá uma lista de municípios habilitados à prestação do Serviço de Radiodifusão Comunitária. Caso o Município da interessada esteja na lista, ela deverá acrescentar ao seu processo, dentro do prazo estabelecido, os seguintes documentos:

- estatuto da entidade, devidamente registrado;
- ata da constituição da entidade e eleição dos dirigentes, devidamente registrada;
- prova de que seus diretores são brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos;
- comprovação da maioria dos diretores;
- declaração assinada de cada diretor, comprometendo-se ao fiel cumprimento das normas estabelecidas para o Serviço;
- manifestação em apoio à iniciativa, formulada por entidades associativas e comunitárias, legalmente constituídas e sediadas na área pretendida

para a prestação do Serviço, e firmada por pessoas naturais ou jurídicas que tenham residência, domicílio ou sede nessa área.

2.7.3.3 Como Deve Ser a Programação de uma Rádio Comunitária?

A programação diária de uma rádio comunitária deve conter informação, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo aquilo que possa contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais. A programação deve respeitar sempre os valores éticos e sociais da pessoa e da família, prestar serviços de utilidade pública e contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas. Além disso, qualquer cidadão da comunidade beneficiada terá o direito de emitir opiniões sobre quaisquer assuntos abordados na programação da emissora, bem como manifestar idéias, propostas, sugestões, reclamações ou reivindicações.

3 RÁDIO COMUNITÁRIA DE VIAMÃO

Após trabalhar os conceitos sobre educação, fazer o relato histórico do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, de comunicação popular e de comunicação comunitária, este capítulo passa a analisar o objeto de pesquisa que é a Rádio Comunitária de Viamão, observando sua atuação na comunidade em que está inserida.

A Rádio Pró-Comunitária de Viamão está estabelecida no Município de Viamão, mais precisamente no bairro Altos de Tarumã, que está situado a aproximadamente 2 km do centro da cidade.

O município está localizado a aproximadamente 10 km da Capital, Porto Alegre, e é a maior cidade, em extensão, da Região Metropolitana. Possui atualmente uma população de 227 mil habitantes, sendo que 93% moradores de áreas urbanas. A fonte de renda do município vem basicamente do setor de serviços (60%), a indústria contribui com 30% e a agricultura com 10%.⁷⁸

⁷⁸ VIAMÃO. Prefeitura Municipal. **Homepage**. Disponível em: www.viamão.rs.gov.br. Acesso em: 1 out. 2008.

3.1 História da Fundação da Associação Pró-Rádio Comunitária de Viamão

A emissora foi criada a partir da reunião de quatro alunos que estavam fazendo um curso técnico na área da eletrônica na cidade de Viamão. A ideia foi aos poucos amadurecendo, tomando forma, e das reuniões e encontros nasceu a Associação Pró-Rádio Comunitária de Viamão. Nessas reuniões o estatuto foi elaborado e a documentação foi encaminhada ao Ministério das Comunicações.

A Associação é uma entidade civil, com sede em Viamão, fundada em 22 de novembro de 1996, não tem fins lucrativos, tem autonomia financeira e administrativa, sua finalidade é:

- Congregar todos os moradores do município no sentido de motivá-los ao bem comum.
- Contribuir para a promoção e a defesa dos direitos humanos, para elevação do nível político, despertando a consciência dos deveres e dos direitos dos cidadãos.
- Viabilizar e manter um canal próprio de radiodifusão, bem como veículo de imprensa escrita, assumindo todas as responsabilidades legais e jurídicas.
- Incentivar a produção cultural no sentido mais amplo, com ênfase na cultura local e regional.
- Prestar serviços de utilidade pública e de auxílio à comunidade em situação de emergência ou calamidade.
- Estimular o livre exercício do direito de expressão dos cidadãos.

- Interessar-se e reivindicar pela melhoria das condições de vida dos cidadãos, no que se refere à saúde, à higiene, ao lazer, ao transporte, à segurança, à urbanização, à educação e à cultura.
- Conveniar, acordar, peticionar, requerer, em nome da entidade, junto aos órgãos públicos federais, estaduais e municipais, bem como pessoas físicas e jurídicas, a manutenção de suas atividades e a busca dos objetivos.

Somente em fevereiro de 2002, após seis anos de fundação da Associação, a concessão para operação foi liberada. Foi então que a emissora passou a atuar de forma efetiva na comunidade, com uma grade de programação aprovada pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em vigor até o presente momento. É relevante salientar que a emissora nunca atuou de forma ilegal, os equipamentos foram sendo adquiridos e ficaram guardados durante o período em que era aguardada a liberação pela Anatel.

Atualmente a diretoria da Rádio Comunitária é composta pelos seguintes integrantes: sócios- fundadores: José Remo Rhoden, empreiteiro de obras; Marino Ledur, professor; Jussemar da Silva, professor; Carlos Alberto Paula Barros, projetista; e pelos sócios-efetivos: Sílvio dos Santos Nunes, radialista; Argeu Adão Quos, radialista; Martin Martins, professor; Ornélio Osório de Lima, professor; Lessi Maria Selau Quos, radialista; e José Gilnei Mielke, professor. Os diretores não recebem remuneração, bem como os demais locutores. As pessoas trabalham como voluntários da comunidade e recebem apenas ajuda de custo para deslocamento e alimentação, que é oriunda dos apoios culturais. Os apoiadores são pequenos estabelecimentos comerciais das redondezas como ferragens, padarias, estéticas e restaurantes. A emissora conta atualmente com oito pessoas que prestam serviços

com assiduidade e alguns eventuais colaboradores da vizinhança que encontram nela um canal de expressão da localidade.

3.2 Grade da Programação Diária da Emissora

A grade diária de programação da emissora é fixa, de segunda a domingo, e possui mais três programas semanais. A sinopse da programação foi elaborada com base na pesquisa de dados realizados nos estúdios da emissora, uma vez por semana, em dias alternados, no período de 16 de outubro a 27 de novembro de 2008. O objetivo foi observar e coletar os dados da programação, a atuação do locutor e a interação com a comunidade. É importante salientar que, durante esse período, a locutora Lessi, em seu programa “A tarde é nossa”, apresentou à comunidade o projeto que estava sendo desenvolvido sobre a rádio comunitária. O propósito era justificar a permanência da pesquisadora no estúdio durante o período da pesquisa de campo e também mostrar para a comunidade a importância e a valorização desse meio de comunicação.

A seguir será apresentada a programação da emissora, obedecendo a sequência de horário. Primeiro será apresentada a grade diária e, a seguir, a grade semanal, ou seja, os programas que vão ao ar somente 1 vez por semana.

07h às 08h – Bom Dia Trabalhador

Apresentador: Sílvio Nunes

Sinopse do programa: é o programa do despertar do ouvinte. O locutor informa a hora de minuto em minuto e usa o jargão “hora de acordar, hora da felicidade”. Todo programa possui um fundo musical com sons da natureza, com pássaros gorjeando,

galos cantando, som da água de rios e riachos, enquanto isso Sílvio fala com os ouvintes: “Viamão, santuário da natureza, é hora de acordar feliz”.

08h às 10h – Terra Gaúcha

Periodicidade: segunda-feira a domingo

Apresentador: Sílvio Nunes

Sinopse: o programa apresenta músicas regionalistas e serviços de utilidade pública. Pela característica do apresentador, o programa tem um clima festivo, alegre e motivador. A frase utilizada pelo apresentador é: “87.9 – Rádio Comunitária dos Altos do Tarumã saúda e abençoa as famílias. A Rádio Comunitária que está de bem com a vida”. O “espírito” do programa é demonstrar que alguém que está de bem com a vida deseja ver as pessoas da comunidade também de bem com a vida. O programa tem um cunho informativo e noticioso, mas tem como “lema” não explorar o sensacionalismo dos fatos, mas fazer comentários de forma que leve as pessoas a refletirem sobre os acontecimentos.

10h às 11h – Rádio Escola

Periodicidade: segunda-feira a domingo

Apresentador: Sílvio Nunes

Colaborador: Daniel Lima

Sinopse do programa: programa dedicado às crianças, aos adolescentes e aos pais. O programa fala sobre as atividades que estão ocorrendo nas escolas, dá orientações de comportamento e, principalmente, valoriza as ações que estão sendo desenvolvidas na comunidade. A emissora adota campanhas e programas dedicados aos jovens carentes e apoia todas as iniciativas da comunidade. O

programa conta com a colaboração de Daniel Lima, que é aluno da Escola Estadual de Ensino Médio Açorianos. Ele faz participação ao vivo, junto com Sílvio Nunes, no estúdio passando informações sobre sua escola.

11h às 12h – Informativo Social e Comunitário

Periodicidade: segunda-feira a sábado

Apresentador: Sílvio Nunes

Sinopse: na sequência do seu horário, Sílvio, após encerrar a participação de alunos e alunas, faz o “passeio pela cidade”, uma saudação e bênção às famílias de todos os bairros, vilas e parques da cidade. Como fundo musical usa a música “Abençoa Senhor as famílias cristãs”. Na sequência da programação, avisos e alertas de utilidade pública são repassados aos ouvintes. O locutor transmite matérias informativas enviadas pela prefeitura e pelas associações de moradores. Nessa parte a comunidade participa muito, colocando no ar reclamações sobre problemas sociais da região. Há uma intensa participação dos ouvintes. A Associação da Cohab também tem uma participação muito ativa. Mesmo tendo um cunho mais crítico, o tom do programa é sempre visando o aspecto positivo das situações. O programa adota o lema: “Uma vida melhor em Viamão sempre é possível, faça você a sua parte”. Nesse ritmo adota algumas causas como por exemplo: a conscientização dos jovens para que entendam o perigo e o risco que é nadar nos lagos da cidade (lago Tarumã, lago Recanto Campeiro, Barragem do Fiúza e barragem do Parque Saint-Hilaire). A cidade possui muitos parques com lagos que não são próprios para banho, e isso já fez muitos jovens perderem a vida. A emissora usa a linguagem instrutiva e construtiva trabalhando a motivação e o cuidado com a vida. Outra campanha adotada é o cuidado com o pedestre. Essa é

uma campanha de conscientização direcionada os motoristas para que tenham atenção, principalmente com as crianças.

12h às 15h – A Tarde é Nossa

Periodicidade: segunda-feira a sábado

Apresentadora: Lessi Maria

Sinopse: é o programa de variedades da emissora. Apresentado por Lessi Maria que, com uma linguagem simples e alegre, auxilia principalmente as mulheres a compreenderem melhor as situações do cotidiano. Assuntos como campanhas de alerta para a violência doméstica, cuidados simples com a casa, com os filhos, orientação alimentar mesclados com músicas variadas e também com tópicos mais amenos como horóscopo, brincadeiras, participação das ouvintes por telefone, pedidos de músicas, homenagens a amigos e familiares. É um programa voltado principalmente à dona de casa que tem como tema “educação por meio da reflexão”.

15h às 17h30h – Entardecer em Viamão

Periodicidade: segunda-feira a sábado

Apresentador: Argeu Adão Quos

Sinopse: toca músicas gauchescas, sertanejas e de bandinhas. Faz homenagens, atende ligações e conversa com os ouvintes no ar. Programa com cunho de entretenimento, que procura atender a diversidade cultural pela variedade das músicas. O programa trabalha também com vinhetas gravadas que procuram desenvolver a reflexão sobre temas pertinentes, como, por exemplo, a campanha eleitoral. Durante o período pré-eleitoral foram colocadas no ar vinhetas que

alertavam as pessoas para que procurassem conhecer os candidatos para exercitarem o voto consciente.

17h30h às 19h00h – Momentos de Reflexão

Periodicidade: segunda-feira a sábado

Apresentador: José Remo Rhoden

Sinopse: é o programa de encerramento da emissora, ameno, com leituras de textos que levam as pessoas a refletirem sobre determinado assunto. Toca músicas cristãs, e o objetivo do programa é trabalhar com a espiritualidade do ser humano. Os ouvintes têm participação ativa com conversas e perguntas sobre os mais variados assuntos. Ouvintes que estão com problemas sejam de ordem espiritual ou familiar buscam no programa uma forma de aconselhamento e conforto pelas palavras positivas do apresentador. Alguns ouvintes, vizinhos da emissora, algumas vezes, vão até o estúdio para lerem algum texto que gostam, por exemplo, um professor foi até a emissora e leu um texto de Fritjof Capra e explicou aos ouvintes o que o autor desejava dizer com o texto e a importância, naquele momento, daquelas palavras.

Além da grade de programação diária, a emissora possui alguns colaboradores da comunidade, moradores próximos, que participam com o objetivo de contribuir com seus conhecimentos para uma maior diversidade da programação.

16h às 17h – Pensar para Viver Melhor

Periodicidade: quintas-feiras

Apresentador: Professor Reinaldo

Sinopse : há um ano o programa está no ar, apresentado pelo professor Reinaldo, irmão marista, professor de História e Filosofia da PUC. O objetivo é não polemizar, mas fazer com que as pessoas reflitam sobre seu comportamento. Utiliza fundo musical, para as pessoas relaxarem. É um programa que exige concentração, destinado principalmente às pessoas de mais idade que buscam autoconhecimento. O principal questionamento do programa é: O que é autoconhecimento?, O que leva as pessoas a se sentirem bem?, O que é preciso para viver bem?. O apresentador fala durante uma hora buscando simplificar problemas que podem ocorrer no percurso da vida de uma pessoa e que, segundo o locutor, se forem bem conduzidos não irão massacrar ou sobrecarregar a alma e o coração humano. Cada semana, o programa aborda um tema a partir de um texto apresentado pelo professor.

16h30 às 17h30 - Jaicoporã

Periodicidade: sextas-feiras

Apresentador: Dirk Hesseling

Sinopse: Jaicoporã em Guarani significa “por aqui tudo bem e não falta nada para ninguém”. Jaicoporã é um movimento que nasceu em Viamão em 11 de setembro de 2001, dia em que o episódio das Torres Gêmeas abalou o mundo. Um grupo de cidadãos de Viamão resolveu fundar um grupo que trabalhasse pela vida e pela paz. O senhor Dirk Heesseling trouxe o programa para a emissora com o objetivo de dar mais visibilidade e divulgar o trabalho do grupo. O programa vai ao ar nas sextas-feiras e, segundo ele, o programa trata da vida. Tudo que se movimenta significa vida. A visão social, política, espiritual, psicológica, tudo está interligado. Uma semana enfatiza um assunto de uma área, em outra semana aborda outro. O

objetivo é fazer o ouvinte pensar e se movimentar. As coisas só mudam quando existe o desejo de caminhar, de buscar, de se movimentar. Somente o desejo não realiza obras, é preciso ter a força do movimento e é isso que o apresentador tenta passar por meio das palavras aos seus ouvintes.

10h30 às 14h00 – Música para Todos os Gostos

Periodicidade: Domingos

Apresentador: Professor Gilnei

Sinopse: esse programa tem uma programação leve e divertida. As pessoas da comunidade participam muito e enviam recados. É um programa familiar que possibilita a interação entre as pessoas. São muitas homenagens, muitos pedidos musicais, dicas de programas a serem feitos durante o domingo, informações de lazer sobre o que está acontecendo na cidade. A programação pretende animar o dia de quem está em casa, fazendo churrasco, se reunindo com os familiares e amigos. A característica principal do programa é a interatividade.

3.3 Entrevistas Realizadas com os Responsáveis e Colaboradores da Rádio Comunitária de Viamão

A partir de agora, o trabalho passa a relatar as entrevistas que foram feitas pela pesquisadora com colaboradores da emissora que estão diretamente ligados à programação, além de depoimentos de uma formadora de opinião, que reside próximo e tem participação ativa na comunidade. O período das entrevistas foi de 30 de outubro a 28 de novembro de 2008. Para as entrevistas foi utilizado um roteiro com perguntas não-estruturadas, com o objetivo de dar liberdade às pessoas para

pudessem relatar sua experiência e sua percepção do trabalho ou sua convivência na emissora. As entrevistas foram transcritas em formato de relatos.

Nome do Entrevistado: José Rodhen

Ocupação: Diretor Geral

Data da Entrevista: 30 de outubro de 2008

Local: Dependências da Rádio Comunitária

Senhor José, “Seu Zé”, ou “Zé das Ervas”, ou ainda “Zé da Bicicleta”. Este é o responsável pela existência da emissora até os dias de hoje, o que, segundo ele, não é tarefa muito fácil. As despesas são altas, os recursos esparsos e a comunidade carente, principalmente, de informações. Seu Zé é uma pessoa do interior, ex-seminarista do Seminário Católico de Viamão, filósofo e, atualmente, empreiteiro de obras, vendedor de pães e cucas integrais feitos por ele mesmo. Também é autor da receita de biscoitos que, segundo ele, é excelente para saúde das meninas que já passaram dos 40 anos. É um homem simples do povo, dá palestras para alunos das escolas da cidade, ensinando-os a importância do suco de limão ou de laranja. Também reúne mães do clube de mães do bairro para ensinar-lhes como fazer proveito de todas as frutas e verduras. Nas escolas, Seu Zé é conhecido pelas palestras sobre o poder medicinal das ervas e o valor nutricional dos alimentos naturais. Para ele, a limonada é o suco mais comunitário que existe, é a bebida do povo, por isso organizou uma festa, na casa onde está sediada a Rádio Comunitária, com as crianças de uma vila próxima. Segundo ele, pipoca e limonada fazem a festa das crianças das redondezas.

Seu Zé chega brincando, e brincando ensina as crianças e os adultos a terem atitudes que preservam a natureza como, por exemplo, a seleção do lixo orgânico. Cada centímetro do terreno onde está localizado o prédio da emissora é cuidadosamente cultivado e os canteiros, em formato de estrelas ou meias-luas, apresentam uma variedade de plantas, hortaliças, árvores frutíferas e chás. Seu Zé faz parte do Movimento Comunitário “Só Vida”, também chamados de os profetas da ecologia. O “Só Vida”, fundado há 25 anos, é uma entidade ecumênica de trabalho social e fraterno. A origem foi o serviço de atendimento concreto por meio da participação de padres, pastores, religiosos e leigos ligados às igrejas cristãs tradicionais. Ele também participa ativamente do Centro Comunitário Paulo Freire de Viamão e do Galpão Nossa Senhora Aparecida.

Seu Zé acredita na educação sem fronteiras, na conscientização da população que, segundo ele, precisam vir acompanhadas das atitudes. O simples fato de tomar consciência, em sua opinião, é muito passivo. É necessário o movimento da ação e isso, para ele, é o fio condutor da energia da Rádio Comunitária de Viamão. É preciso alertar as pessoas e ensiná-las que para haver mudanças em suas vidas, são necessárias atitudes positivas e responsáveis. Sr José é um incansável incentivador de todas as pessoas que passam pela emissora, ele luta pela sobrevivência da rádio e cuida dela como quem cuida da sua casa. Sua esposa, professora, o auxilia na organização de tudo, mas, segundo ele, ainda há muito que fazer.

Nome do Entrevistado: Sílvio dos Santos Nunes

Ocupação: Apresentador dos programas matinais

Data da Entrevista: 6 de novembro de 2008

Local: Dependências da Rádio Comunitária

Sílvio apresenta o horário da manhã e também é sócio efetivo. Está na emissora desde 2002 era radialista e veio a convite do sócio fundador, Sr. José Remo. Sílvio desenvolvia trabalho comunitário na paróquia Nossa Senhora Aparecida do Krahe, paróquia que fica próxima da rádio comunitária, local com o qual, ainda hoje, mantém forte vínculo por meio do trabalho com jovens. O locutor desenvolve, na comunidade, um trabalho de inclusão de jovens na sociedade. Foi por sua influência que o estudante Daniel Lima começou a trazer o *trabalho “Jovens de bem com a vida e jovens de futuro”* para a emissora. Esse programa, desenvolvido em parceria com a Escola Açorianos, incentiva jovens, principalmente meninos, a desenvolverem uma aptidão profissional. Sílvio citou, com orgulho, o exemplo de um menino que era pichador de rua e que hoje está treinando em um grande time de futebol de Porto Alegre. Ele comenta que nos programas que apresenta – Terra Gaúcha, Rádio Escola e Informativo Social e Comunitário – procura usar uma linguagem alegre, positiva e motivadora. E, principalmente no programa Rádio Escola, evita sempre falar em sanções e punições, pois pensa que dessa forma poderia afugentar os jovens ouvintes.

Sílvio ocupa suas manhãs, de segunda a sexta-feira na emissora, aos sábados o programa é apresentado por um locutor estagiário. Além dessa atividade, ele está envolvido em projetos comunitários e é capelão do Centro Tradicionalista Gaúcho de Viamão. O locutor mantém um forte vínculo com seus ouvintes e com os moradores da cidade. Segundo ele, há uma participação ativa da comunidade por telefone. Ele tem um cadastro de 2500 ouvintes, com telefone e endereço, e visita algumas famílias com frequência porque as pessoas comentam que, muitas vezes,

não podem ligar muito por causa do preço das ligações. Alguns ouvintes comentam que, por causa da emissora, a conta do telefone fica muito alta. Há um grau de intimidade muito grande dos ouvintes com a emissora. As pessoas ligam, contam suas histórias, fazem reivindicações para as autoridades, reclamam das condições da localidade, ou ligam apenas para conversar. É uma comunidade de poucos recursos que vê na emissora uma forma de participação. Normalmente, a maior participação é das mulheres, devido ao horário, 08h às 12h,, segundo o locutor, os homens participam mais aos domingos, quando não estão no trabalho.

Nome da Entrevistada: Lessi Maria

Ocupação: Apresentadora do primeiro programa da tarde

Data da Entrevista: 30 de outubro de 2008

Local: Dependências da Rádio Comunitária

Lessi, como é conhecida, apresenta o programa “A Tarde é Nossa”, que vai ao ar das 12h às 15h. Ela trabalhou 30 anos no rádio, hoje é aposentada. Atuou muitos anos na Rádio Princesa e na Rádio Capital, como apresentadora, é moradora de Viamão, reside próximo à emissora, e hoje é dona de casa, professora de acordeom e canto. Ela também é sócia efetiva da emissora, mas, segundo ela, nenhuma das pessoas da emissora é remunerada, todas são voluntárias. Ela está na emissora desde 2002 porque gosta e sente prazer em poder auxiliar a comunidade. Lessi é a única mulher colaboradora da emissora e, segundo ela, tem um grande número de ouvintes cativas que ligam e a convidam para visitar suas residências. Ela procura fazer um programa informativo com muito humor e muita alegria, com orientações que ajudam a melhorar a vida das pessoas. O programa

mantém um convênio com a Rede Mulher, que aborda o assunto da violência doméstica contra a mulher. O tema é trabalhado em uma linguagem simples para as pessoas simples. Outro assunto bastante abordado é a orientação alimentar. Fórmulas simples de como aproveitar bem os alimentos, receitas com alto poder nutritivo, orientação em relação à alimentação equilibrada para as crianças, dicas de como evitar a desidratação infantil. Segundo a apresentadora, a Rádio Comunitária de Viamão é uma “jóia”, um presente para a comunidade, pois tem o cuidado de estar sempre trabalhando pelo bem dos moradores.

Outro aspecto levantado pela locutora, é o fato de as emissoras comunitárias serem uma escola para pessoas iniciantes que querem tentar uma carreira radiofônica. Ela citou o caso de Itamar Silveira, uma pessoa que trabalha na CEASA, e aproveita o tempo vago para participar de alguns programas da emissora como aprendiz. Segundo a apresentadora, a carreira no rádio é muito difícil nas emissoras de massa, é um mercado muito competitivo. As emissoras comunitárias ensinam os primeiros passos para os aprendizes, eles exercitam, desenvolvem o trabalho e acabam sendo reconhecidos na comunidade, assim, muitos deles, conseguem emprego em emissoras maiores.

Nome do Entrevistado: Argeu Adão Quos

Ocupação: Apresentador da tarde

Data da Entrevista: 30 de outubro de 2008

Local: Dependências da Rádio Comunitária

Argeu apresenta o programa Entardecer em Viamão, no horário das 15h às 17h30min. Ele também está na emissora desde 2002 e é sócio efetivo. Foi radialista

durante 30 anos e também atuou na Rádio Capital e Princesa. Atualmente, é músico, reside próximo à emissora e presta serviços comunitários na emissora porque sente prazer em estar diante do microfone, em contato com a comunidade. Em seu programa ele recebe telefonemas de ouvintes que ligam para pedir músicas, prestar homenagens e mandar recados a outros ouvintes. Sua programação musical é leve e descontraída, toca músicas gauchescas, sertanejas e de bandinhas. O programa Entardecer em Viamão é um programa mais musical e descontraído e conta a participação mais efetiva do público feminino, que é o público que está mais em casa durante a semana.

Nome do Entrevistado: Dirk Hesseling

Ocupação: Colaborador eventual e apresentador de um programa semanal

Data da Entrevista: 20 de novembro de 2008

Local: Residência do Sr. Dirk

Senhor Dirk, tem 76 anos, nasceu em Eindhoven, na Holanda, e veio para o Brasil em 1954. Filósofo, formado em Amsterdã, cursou Teologia em Juiz de Fora, onde foi ordenado sacerdote. Exerceu o ministério em vários estados do Nordeste, durante 15 anos. Abandonou o sacerdócio, casou-se e formou-se em Relações Públicas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Trabalhou como secretário executivo, repórter e técnico. Foi diretor de estabelecimento da Febem (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor) em Viamão, que quando extinta passou a ser denominada Fase (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo). Fundou a “Só Vida”, entidade que trabalha em prol da natureza, da saúde e da vida, e também é o idealizador do Centro Comunitário Paulo Freire de Viamão.

Atualmente mora em Viamão, é vizinho e colaborador da Radio Comunitária, além de continuar engajado em movimentos sociais populares. Sr. Dirk apresenta o programa Jaicoporã, na sexta-feira, no horário das 16h30 às 17h30, um espaço que foi aberto para divulgar o projeto Jaicoporã. O objetivo é dar visibilidade ao projeto e conscientizar os ouvintes de que para haver mudança em suas vidas é necessário movimento, ou seja, atitudes práticas.

Nome do Entrevistado: José Gilnei Mielke

Ocupação: Apresentador de um programa semanal

Data da Entrevista: 27 de novembro de 2008

Local: Dependências da Rádio Comunitária

Gilnei atua na emissora desde março de 2005, foi convidado pelo professor Jussemar da Silva, que na época respondia pela comissão de coordenação da emissora. Ele exerce atividades na Secretaria Municipal de Administração do Município de Viamão, trabalhando, em relação direta, com um quadro de 3500 servidores. Ele atua diretamente na relação com a comunidade local, em virtude de já ter exercido a direção de uma das escolas privadas da cidade, o Instituto Marista Graças.

Na opinião dele, a emissora contribui para uma ação educacional indireta. Existe o cuidado de divulgar serviços e campanhas que venham a oferecer elementos formativos aos ouvintes. Segundo ele, poderia haver uma maior organização nisso, e de fato já trabalham nesse intento, mas há o que ser melhorado.

Gilnei agora ajuda em dois programas. Mas no dominical, das 10h30min às 14h, exerce a função de oferecer diversão e oportunidade de relação entre as famílias

ouvintes. “O retorno é muito satisfatório”, diz ele. Há hoje um círculo de amizade e solidariedade muito forte entre os ouvintes. Quando alguém não liga, por um ou outro motivo, existe uma preocupação e com ela vem um pedido de informação ou algo similar. Há quem vá viajar e deixe alguém encarregado de avisar a emissora de que não ligará por não estar na cidade. Há os que mesmo fora da cidade ligam. Gilnei comenta que já recebeu ligação do Rio de Janeiro para homenagear ouvintes. Em sua opinião, é possível dizer que a emissora hoje é um canal de expressão muito forte da comunidade Viamonense.

Nome do Entrevistado: Itamar da Silveira

Ocupação: Colaborador e aprendiz

Data da Entrevista: 19 de novembro de 2008

Local: Dependências da Rádio Comunitária

Itamar Silveira está na emissora há poucos dias e se ocupa das folgas de todos os locutores. É uma pessoa da comunidade, trabalha na CEASA e faz trabalho voluntário na Rádio Comunitária no seu horário livre. Está na emissora a convite do locutor Argeu. É morador do Morro Valença, que fica no bairro Dois Irmãos. Encontrou na emissora uma forma de expressão de arte, gosta de música e tem certeza de que os ouvintes estão gostando da sua forma autêntica e positiva de se comunicar. Acredita que a emissora é muito importante porque alerta a comunidade sobre muitos assuntos essenciais. Segundo ele, as pessoas, principalmente os jovens, são teimosas e isso as torna muito imprudentes. É preciso estar sempre alertando sobre cuidados no trânsito, na escola, nos parques. Ele acredita na contribuição da emissora por meio de suas dicas e “alertas”. Seu “termômetro” para

saber se o programa está agradando é o telefone, que não pára. Itamar encontrou somente uma dificuldade na emissora, o computador no estúdio. Segundo ele, ainda está aprendendo a programar as músicas no computador porque é a primeira vez que tem contanto com essa ferramenta.

3.3.1 Entrevista com Estudante da Escola Açoriana de Viamão

Nome do Entrevistado: Daniel Lima

Ocupação: Faz uma participação especial no programa Rádio Escola

Data da Entrevista: 19 de novembro de 2008

Local: Dependências da Rádio Comunitária

Daniel atualmente está fazendo uma participação especial no programa Rádio Escola, ele reside próximo à emissora, é estudante do segundo ano do Ensino Médio e divulga o projeto *“Jovens de bem com a vida e jovens de futuro”*, que é desenvolvido na Escola Açoriana de Viamão em parceria com o Unibanco. O projeto trabalha a valorização e a inserção do jovem na sociedade. O objetivo é tirar jovens das ruas abrindo possibilidade de formação profissional. Daniel também é diretor da rádio educativa de sua escola, dá palestras em encontros de jovens, além disso, é acólito cerimoniário da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida do Krahe, que fica próxima a emissora. Na paróquia seu trabalho é bastante ativo: coordena o grupo musical e faz parte do grupo teatral *“Bate Lata para Jesus”*. Daniel começou sua participação na emissora divulgando o trabalho realizado na paróquia e o trabalho da sua escola. Ele considera a Rádio Comunitária de Viamão um excelente canal de divulgação dos projetos daquela localidade. A seu ver, a emissora poderia ter maior

alcance e abrangência porque permitiria a divulgação, para toda a população de Viamão, dos projetos desenvolvidos nas escolas e na Igreja.

3.3.2 Depoimento de Ester Hesseling

Durante o período das entrevistas, a pesquisadora esteve na residência do senhor Dirk para entrevistá-lo e lá conheceu sua esposa que é Secretária Municipal da Cidadania do município de Viamão, Sra. Ester Hesseling. Foi solicitado a ela que fizesse um depoimento para contribuir para esta pesquisa. Ela prontamente aceitou e enviou seu depoimento, por *e-mail*, no dia 25 de novembro de 2008. Apenas solicitou que em seu depoimento fosse citada como cidadã e ouvinte da emissora e não como secretária do município. A pesquisadora achou pertinente falar sobre a atividade que a senhora Ester exerce, pois é uma pessoa profundamente comprometida e envolvida com as causas sociais do município.

“A Rádio Comunitária de Tarumã a FM 87.9 é a verdadeira, a autêntica RÁDIO COMUNITÁRIA que se posiciona de forma independente, autônoma, que não se deixa acorrentar por partidos políticos ou igreja alguma. Faço votos de que esta equipe hoje na direção da Rádio persista na busca desta ideal comunitário. O que não é fácil. Nenhuma entidade, nem civil, nem religiosa pode ter uma influência maior que a outra. Hoje a Rádio Comunitária FM 87.9 é independente e é ouvida pela comunidade, mas precisa de uma maior divulgação. É informativa. É educativa. É divertida. Tomara que continue sempre atenta ao escutar os problemas da comunidade. Que saiba captar sempre todas as divergências internas da comunidade, sem provocar desentendimentos, como tem feito até hoje.”

3.4 Análise da Rádio Comunitária de Viamão

Após descrição da grade de programação e dos relatos das entrevistas, passa-se agora para a parte de análise da atuação da Rádio 87.9, Rádio Comunitária de Viamão, tendo como base de referência, a sinopse da programação as entrevistas e o depoimento, à luz do referencial teórico trabalhado nos dois primeiros capítulos desta pesquisa. A análise será feita sob a dimensão da educação, da religião, do contexto popular e da comunicação.

3.4.1 Análise sobre a Dimensão da Educação

Este capítulo da pesquisa analisará e avaliará a pertinência da programação da Rádio Comunitária de Viamão sob a dimensão da educação com enfoque sociológico. Pretende-se analisar se a emissora tem cumprido seu papel educativo dentro do contexto da comunidade em que atua.

Segundo os autores, Cunningham e Durkheim, nas obras trabalhadas nesta pesquisa, o processo educacional se dá tanto pelo desenvolvimento pessoal do indivíduo como pelo convívio no grupo social, pela transmissão da cultura. Transmissão de saberes que se perpetuam de geração para geração. Durkheim trabalha com o conceito de educação como um processo social determinado pelo código de conduta de uma sociedade. Sob este viés, observa-se a grande preocupação e crítica de Alexis Tocqueville, quando se referia ao desenvolvimento da cultura de massa. Para ele, a sociedade não estava mais sendo governada por princípios de hereditariedade e de vínculos tradicionais de dependência, mas pelo individualismo, pelo materialismo e pela instabilidade social gerados pelo

desenvolvimento da sociedade industrial. A crítica de Tocqueville deve ser observada com muito cuidado, pois Durkheim afirma que o sistema educativo de uma organização social se sobrepõe ao desenvolvimento do indivíduo. A teoria de Tocqueville compactuada com o pensamento de Nietzsche, que sofreu muitas críticas dos teóricos da fase evolucionista progressista por trata-se de um pensamento aristocrático que defendia o desenvolvimento da sociedade pelo processo da hereditariedade. Há de se olhar com certo respeito, pois na verdade, Tocqueville preocupava-se com a falta de vínculo entre uma geração e outra, ocasionando a ruptura da base cultural, resultando em um grupo social muito vulnerável. Nessa mesma corrente de pensamento, estavam os teóricos da Escola de Frankfurt, que temiam que esta fragilidade da sociedade proporcionasse a formação de grupos e líderes fanáticos. É importante contextualizar esse pensamento na sociedade atual e achar um ponto de intersecção com a teoria pluralista, que defende o conceito de uma sociedade moderna baseada no equilíbrio das forças de grupos sociais independentes que exercem controle democrático por meio do acesso à informação.

Sob este aspecto, pode-se afirmar que a Rádio Comunitária de Viamão apresenta uma grade de programação que prioriza os valores da comunidade local. Os primeiros programas da manhã “Bom Dia trabalhador” e “Terra Gaúcha” dão ênfase às músicas tradicionalistas gaúchas, que estão fortemente ligadas às raízes do povo riograndense, além de falarem das belezas naturais do município com o intuito de valorizar a cidade em que vivem. Os demais programas da emissora sempre têm como ponto de partida a valorização das expressões culturais da região. Outro aspecto bastante abordado na programação da emissora, e que se pode observar nas entrevistas dos apresentadores, é a valorização da família. O aspecto

familiar se sobrepõe ao aspecto individual. A saudação do programa matinal apresentado pelo locutor sempre é “A Rádio Comunitária de Viamão saúde e abençoa todas as famílias dos bairros e vilas da cidade de Viamão”. O programa da apresentadora do horário do meio-dia também se refere à ouvinte como dona de casa, abordando assuntos relacionados a crises conjugais e educação dos filhos. Também o programa de domingo, conforme entrevista com o apresentador, é voltado às famílias que estão reunidas e que enviam recados para outras famílias.

Sob o contexto teórico apresentado pode-se observar que a programação da emissora está totalmente voltada à valorização da família e da cultura local. Também referente à transmissão de conhecimentos de geração para geração, observa-se esta preocupação nas atitudes do diretor da emissora, Sr. José, que “cultiva” plantas e ervas no terreno da emissora e ensina as pessoas o valor nutricional dos alimentos naturais, além de se preocupar com o aspecto financeiro da comunidade em que atua, pois sabe que muito pode ser economizado no orçamento doméstico usando-se produtos cultivados em casa. Esse diálogo é assimilado pela comunidade porque a emissora situa-se em um bairro onde 100% da população reside em casas.

Sob o aspecto da educação sociológica pode se observar que a emissora vem cumprindo o seu papel e, se comparada a uma emissora de rádio do sistema de Comunicação de Massa, nota-se que pela sua baixa potência e alcance, se ocupa e se preocupa com as peculiaridades da comunidade local o que facilita a identificação mais rápida dos anseios dos ouvintes.

Enquanto a educação sociológica ocupa-se com a transmissão da cultura pela hereditariedade, a educação popular reforça esse conceito afirmando que o povo é possuidor do saber. Conforme escreve Danilo Streck, não existe um vazio

cultural, a educação não pode ter o propósito de substituição e o conhecimento não é uma mercadoria pronta. Há de se partir de uma cultura e hábitos existentes para ir em busca da construção de um conhecimento novo que traga resultados concretos para melhorar as condições de vida de uma comunidade.

Neste mesmo caminho, Jair Militão da Silva, também abordado no primeiro capítulo, comenta que a educação comunitária é um processo coletivo, não-formal e que pode contribuir como movimento de libertação no sentido de organizar e ampliar a visão, o que muitas vezes não é incentivado pela educação formal. Educação não-formal, segundo Libâneo, trata-se de um processo educacional intencional, porém com baixo grau de estruturação e sistematização. Nessa categoria, encontram-se os meios de comunicação.

A partir desse ponto pode-se concluir que a Rádio Comunitária de Viamão é um canal de comunicação e educação não-formal. Apesar do seu baixo grau de estruturação e sistematização, ela trabalha com uma grade de programação estruturada e conta com colaboradores que estão comprometidos com a educação no papel complementar com o objetivo de apresentar o contexto social, político, econômico e cultural de forma a produzir efeitos educativos. O programa Rádio Escola, por exemplo, tem o objetivo de aproximar a escola da comunidade e a participação de um aluno, tem por objetivo gerar proximidade e sensibilizar o público jovem, pois ele fala do jeito que os jovens entendem. Trata-se de uma comunicação horizontal, ou seja, não é um adulto se colocando em uma posição superior, dando conselhos aos mais jovens. É alguém da mesma idade falando de assuntos e de experiências vividas por ele e por grupos de sua convivência.

A Rádio Comunitária tem uma peculiaridade, pelo que pode ser observado pelas entrevistas, na frente do seu microfone sentam pessoas com vasto

conhecimento na área educacional e social como é o caso do diretor, Sr. José Remo, dos colaboradores Dirk Hasseling, Reinaldo e Gilnei. Todos eles estiverem profundamente ligados à educação formal no passado e hoje utilizam seu conhecimento para, de forma simples, auxiliar a comunidade. Da mesma forma transitam nas salas da emissora, pessoas que nunca estiveram ligadas à educação, mas que conseguem captar essa vertente e auxiliam os ouvintes com uma linguagem simples, muito próxima da realidade da comunidade. Nessa linha, encontram-se os apresentadores Silvio Nunes, Lessi Maria, Argeu e os colaboradores, Daniel e Itamar. A opção de atuação da emissora, segundo o diretor Sr. José e o apresentador Silvio, é a educação através da conscientização, mas sem criar atritos ou gerar conflitos.

Em todas as entrevistas a pesquisadora notou a preocupação dos apresentadores e colaboradores em priorizar uma forma de comunicação otimista e alegre. Os ouvintes e os representantes de associação de bairros ligam para reclamar dos órgãos públicos, porém há um tom de reivindicação e apelo, evitando o tom do confronto e atrito. Um exemplo, para ilustrar, foi o de uma ouvinte que em uma tarde, durante o programa “Momentos de Reflexão” fez uma reflexão comovente no ar: ela havia acordado às seis horas da manhã e ido ao hospital da cidade levar a sua netinha que estava muito doente. Era uma pessoa que não tinha convênio nem planos de saúde e ficou esperando o dia todo por um atendimento médico nos corredores do hospital. Seu depoimento foi comovente, ela chorou durante seu relato, explicando, através de palavras simples, como tinha se sentido. Segundo ela, a pior sensação não é ser mal-tratada, mas não ser “vista” por ninguém, ser completamente ignorada. Ela, vendo sua netinha sofrer, não conseguia comover nem sensibilizar ninguém enquanto esperava nos corredores do hospital.

Segundo ela, naquele dia ela conheceu o real significado da palavra solidão. Voltou para casa sem atendimento médico e ao chegar em casa, ligou o rádio, talvez por desespero ou simplesmente por um gesto mecânico habitual, e ouvindo o programa resolveu ligar para a emissora e contar o drama vivido naquele dia. Ao final do relato, após conversar com o apresentador, no ar, ela estava rindo, aliviada e agradecendo a oportunidade de se expressar, e, principalmente pela existência de alguém disposto a ouvi-la e dar a atenção que ela tanto estava necessitando. A emissora, nesse caso, exerceu dois papéis, o de acolhida e o de ser a voz da oprimida, alertando as autoridades locais da área da saúde. Esse é um dos tantos dramas vividos pelo povo sofrido, mas que ilustra o papel de uma rádio comunitária. Um canal comunitário, além de ser a voz do povo, deve alertar e conscientizar a população sobre seus direitos como cidadãos.

Após esse relato, é impossível não citar as palavras de Paulo Freire retiradas do livro “Conscientização”:

Quem, melhor que os oprimidos, está preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? Quem sofre os efeitos da opressão com mais intensidade que os oprimidos? Quem com mais clareza que eles podem captar a necessidade da libertação? Os oprimidos não obterão a liberdade por acaso, senão procurando-a em sua práxis e reconhecendo nela que é necessário lutar para consegui-la.⁷⁹

A Rádio Comunitária de Viamão, dentro dos seus propósitos descritos e registrados em cartório, através do seu estatuto, tem como objetivo, o auxílio à comunidade que atua na luta pela sua libertação.

⁷⁹ FREIRE, 1980, p. 57.

3.4.2 Análise sobre a Dimensão da Religião

Carlos Brandão questiona se a melhor forma de entender a cultura popular não seria pela religião, que dá nome a tudo e torna legítimo e viável, até mesmo o mais incrível dos fatos. Em conversa informal com Sr. José Remo, diretor da emissora, e com Sr. Dirk, colaborador, no dia 20 de novembro, na residência do Sr. Dirk, a pesquisadora questionou como era visto o assunto “religião” dentro da emissora. Sr. José Remo foi enfático quando falou que a Rádio Comunitária de Viamão se preocupava com a espiritualidade dos ouvintes e não com a religião. O programa apresentado por ele, diariamente, “Momentos de Reflexão”, não é um programa “anti-religião”, (palavras do Sr. José), os ouvintes sabem pelo tom do programa que o apresentador professa a fé cristã, porém sua fala sempre prioriza a espiritualidade humana, os diversos caminhos para as pessoas viverem bem e em paz. Muitos ouvintes, principalmente mulheres, ligam para falarem com o “padre”. Sr. José sempre esclarece e tenta desfazer o equívoco. Sr. Dirk, complementando a fala de Sr. José, disse que a religião é institucional e a fé é de domínio do indivíduo. Todas as religiões têm acesso aos microfones da emissora como livre forma de manifestação do pensamento. A afirmação do Sr. Dirk reforça o conceito de Gibellini em seu livro “A Teologia do Século XX”⁸⁰, quando ao citar e analisar Barth, escreve que a religião é do homem, é uma expressão da vida e da ação. Na religião o ser humano fala, na revelação, ele ouve. Este conceito refere-se ao Cristianismo, que como religião fundamenta-se na Revelação. Segundo Gibellini a religião continua sendo uma forma dos indivíduos justificarem suas ações. Como escreve o autor, se o ser humano crescesse, ele ouviria. Não há como deixar de citar Gibellini a partir do

⁸⁰ GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 509.

momento que o assunto refere-se a uma emissora de rádio, cujo único sentido exigido do ser humano, nesse caso, é a audição. O principal objetivo da emissora é fazer com que as pessoas primeiro ouçam, depois respondam e ajam em busca de melhores condições de vida.

3.4.3 Análise sobre a Dimensão da Comunicação

Segundo Margarida Kunsch, os meios de comunicação exercem um papel complementar no sentido de auxiliar a compreensão da realidade, a apropriação do conhecimento e a formação da cidadania.

No Brasil, o desenvolvimento dos Meios de Comunicação de Massa, segundo Ortiz, teve dois objetivos, o primeiro foi fomentar a indústria do consumo e a segundo foi legitimar a ideologia do governo militar, gerando a integração nacional. Portanto, o desenvolvimento dos MCM no Brasil foi uma prerrogativa do Estado.

A consolidação da indústria cultural no Brasil ocorreu, de fato, nos anos de 1950, com a chegada da televisão, porém é o rádio, que tem maior penetração nos lares e na vida das pessoas pela sua acessibilidade devido ao baixo custo do aparelho receptor e dos equipamentos de transmissão. A dificuldade de ampliação do número de emissoras de baixa potência encontra-se na legislação brasileira, que é bastante rígida na liberação da concessão. Exemplo disso foi a Rádio Comunitária de Viamão que esperou seis anos até ter o direito de atuação concedido pela Anatel.

A comunicação popular e, posteriormente, a comunicação comunitária são uma resposta da sociedade à forma de Comunicação que valida a indústria cultural do consumo. Principalmente as rádios comunitárias tornaram-se, não só a voz do povo, mas também o grito de independência contra a cultura do silêncio e o

agendamento dos assuntos que tem pautado a vida das pessoas. Obviamente, pela baixa potência e alcance das emissoras comunitárias, elas são uma fonte alternativa de informação, porém, as pessoas podem encontrar nesses canais assuntos relevantes para seu cotidiano. É uma alternativa ainda pouco significativa perante a indústria da comunicação, mas pelo menos algumas comunidades têm a opção de escolha.

A Rádio Comunitária de Viamão, pelos relatos das entrevistas e pela sua grade de programação, apesar do seu pouco tempo de atuação, seis anos, vem se consolidando como uma alternativa de comunicação para os bairros que recebem seu sinal. Atualmente as donas de casa, podem optar por assistirem a um canal de TV com abrangência nacional e aprenderem uma receita de culinária que utilize carne de sol, comida típica nordestina, ou podem aprender com a apresentadora do programa “A Tarde é Nossa”, como fazer um bom carreteiro de charque, comida típica gaúcha.

Segundo Paulo Freire, “a educação é comunicação, é diálogo”⁸¹, sendo assim, não deve haver a simples transferência do saber, mas a assimilação dos significados pelos interlocutores. Para haver comunicação eficiente, segundo o autor, é essencial que os signos linguísticos pertençam ao universo comum do comunicante e do comunicado. Os signos devem ter o mesmo significado entre os sujeitos que se comunicam ou, então, a comunicação se tornará inviável. O autor refere-se aos Meios de Comunicação de Massa como “Meios de Comunicados às Massas” que utilizam técnicas de persuasão e não são comprometidos com o processo educativo-libertador.⁸² O verdadeiro processo de comunicação deve levar

⁸¹ FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 69.

⁸² FREIRE, 1971, p. 72.

em conta a condição sócio-cultural da comunidade e conduzir à reflexão. Caso contrário, torna-se ato de invasão cultural e manipulação da verdade.

A Rádio Comunitária de Viamão, pelo que foi visto até o momento, pode não estar atendendo plenamente aos objetivos de um canal educativo-libertador, porém está em busca disso, pois seu diretor, Sr. José Remo, faz parte do Centro Comunitário Paulo Freire de Viamão, entidade idealizada e fundada pelo colaborador da emissora, Sr. Dirk Hesselning.

O capítulo é finalizado com um questionamento citado no livro do Sr. Dirk, presente oferecido à pesquisadora por ocasião da entrevista, no dia 20 de novembro de 2008.

A mudança da sociedade é o sonho-projeto de todos que vibram com o mundo de Paz, embutida na Justiça Social. Por que não conseguimos convergir as nossas diferentes ações para esse único objetivo?⁸³

⁸³ HESSELING, Dirk. **Pegadas ...** somente em busca da vida! Porto Alegre: Evangraf, 2002. p. 17.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs a responder os questionamentos levantados no projeto e a validar ou não, a hipótese principal. Resumidamente, o objetivo geral era verificar o papel educativo dos meios de comunicação comunitários, de que forma os meios de comunicação contribuem para o fortalecimento da cultura local.

Após explanação dos conceitos de educação, conclui-se que educar significa ensinar para a vida em sociedade e para a conquista da cidadania. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que o ato de educar estava restrito à escola, à família e à Igreja. Hoje, sabe-se que os meios de comunicação de massa colocam-se no lugar da educação informal. Eles não assumem o caráter pedagógico explicitamente, mas acabam influenciando de maneira profunda a sociedade. Os meios de comunicação comunitários não são um fenômeno recente, mas têm se observado que eles vêm crescendo de forma vertiginosa no país. Esse crescimento, pelo que se pode observar, surge como uma forma de expressão na busca pela cidadania, evidenciando a cultura e os valores locais.

Pode-se concluir neste trabalho que os campos de conhecimento da educação e da comunicação se relacionam e se inter-relacionam. Esta relação se evidencia nos meios de comunicação comunitários por meio da conscientização. A

educação só se completa, se houver consciência. Caso contrário, o processo não se estabelece.

No caso da Rádio Comunitária de Viamão, pode-se concluir, por meio de entrevistas e da convivência, que ela está em busca do objetivo educacional. Sua programação prioriza os valores locais e conduz à reflexão dos problemas da região. Com certeza a Rádio Comunitária tem sido um contraponto aos meios de comunicação de massa, principalmente porque é um canal aberto para que a população possa se expressar. Ficou evidente que seus colaboradores buscam uma programação que tem como objetivo a conquista da cidadania. Observou-se, também, que em relação ao contexto político há uma imparcialidade; já no contexto religioso, apesar de o diretor e dos colaboradores afirmarem que os assuntos tratados nesse campo fazem referência apenas à espiritualidade, nota-se uma tendência católico-cristã, assunto que foi abordado na análise. Não há nenhum favorecimento nesse fato, isso decorre em virtude do histórico de vida dos diretores e dos colaboradores da rádio.

Ficou evidenciado na pesquisa de campo que a Rádio Comunitária opera dentro dos propósitos de um canal de comunicação comunitário, porém há alguns pontos que precisam ser melhorados para contribuir mais efetivamente no processo de educação e de conscientização. Foram sugeridas algumas ações a partir da explanação teórica desta pesquisa, que serão debatidas pelos membros da rádio em março de 2009. A partir desta data, a autora deste trabalho passará a fazer parte da equipe de colaboradores da emissora, trabalhando na produção de programas voltados à área educacional.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. **Homepage**. Disponível em: <www.agert.org.br>. Acesso em: 1 out. 2008.

BETTO, Frei; HEREDIA, Fernando M. Questões atuais do socialismo. **Cepis**, São Paulo, doc. n. 5, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL. Lei n. 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações em todo o território brasileiro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4117.htm>.

COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

CUNNINGHAM, William F. **Introdução à educação**: problemas fundamentais, finalidades e técnicas. Rio de Janeiro: Globo, 1960.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo. Perspectiva, 1993.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. De qué estamos hablando cuando hablamos de lo popular? In: MARTÍN BARBERO, Jesús. **Comunicación y culturas populares em Latinoamérica.** México: Gili, 1987.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX.** São Paulo: Loyola, 1998.

GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO. **Mídia dados 2005.** São Paulo, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia.** Petrópolis: Vozes, 2005.

HARTMANN, Jorge; MUELLER, Néson (Org.). **A comunicação pelo microfone.** Petrópolis: Vozes, 1998.

HAUSSEN, Dóris Fagundes (Org.). **Sistemas de comunicação e identidade na América Latina.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

HESSELING, Dirk. **Pegadas ... somente em busca da vida!** Porto Alegre: Evangraf, 2002.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2005.

KUNSCH, Margarida Krohling (Org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados.** São Paulo: Loyola, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano (Org.). **Fazer universidade: uma proposta metodológica.** São Paulo: Cortez, 1985.

MANUAL básico da escola superior de guerra. Departamento de Estudos MB-75, ESG, 1975. In: ORTIZ, Renato. **A tradição brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATA, María Cristina. Radio popular comunitária? **CHASQUI – Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 47, p. 59, 1993.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MILITÃO, Jair. **Como fazer trabalho comunitário?** São Paulo: Paulus, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. Volume I: Neurose.

OLIVEIRA, Omar S. **Genocídio cultural**. São Paulo: Paulinas, 1991.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PAIVA, Vanilda P. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PUNTEL, Joana T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SANT'ANA, Armando. **Propaganda: teoria, técnica e prática**. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

STRECK, Danilo R. **Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SWINGEWOOD, Alan. **O mito da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIAMÃO. Prefeitura Municipal. **Homepage**. Disponível em: www.viamao.rs.gov.br. Acesso em: 1 out. 2008.